

**A ADERÊNCIA ÀS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA, NO
ÂMBITO DO LAZER**

ALEXANDER KLEIN TAHARA

*Dissertação apresentada ao Instituto de
Biociências do Campus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista, como
parte dos requisitos para a obtenção do
Título de Mestre em Ciências da
Motricidade – Área: Pedagogia da
Motricidade Humana.*

Rio Claro/SP
Novembro/2004

**A ADERÊNCIA ÀS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA, NO
ÂMBITO DO LAZER**

ALEXANDER KLEIN TAHARA

ORIENTADORA: PROF. DRA. GISELE MARIA SCHWARTZ

*Dissertação apresentada ao Instituto
de Biociências do Campus de Rio
Claro, Universidade Estadual Paulista,
como parte dos requisitos para a
obtenção do Título de Mestre em
Ciências da Motricidade – Área:
Pedagogia da Motricidade Humana.*

Rio Claro/SP
Novembro/2004

Dedico este trabalho à minha querida família de Ipatinga/MG; meu pai **Mauro**, minha mãe **Euclarice** e minha irmã **Ariany**, os quais sempre me apoiaram com muito carinho, fé e amor, desde o momento em que fui embora de casa rumo à concretização de meus sonhos e ideais... E também a você vó **Merinda**, que, de onde estiver, sei que sempre está ao meu lado... Obrigado por tudo, amo muito todos vocês!!!

AGRADECIMENTOS

É pessoal, mais uma vez os tais agradecimentos em minha vida acadêmica... No TCC e agora nesta dissertação, algo muito gostoso e prazeroso de se fazer, pois tenho a oportunidade de agradecer com uma singela lembrança o que cada pessoa pode fazer de bom e positivo para mim, mesmo que num mínimo gesto ou palavra...

Primeiramente, agradeço a **Deus** por ter me dado forças para estar “Longe de casa, há mais de uma semana...” No meu caso, são muitos e muitos anos!!! Obrigado “papai-do-céu”, por sempre me conceder muita saúde, fé, alegria e esperança na plena conquista de meus maiores sonhos. Muito obrigado por ter concedido a honra de pertencer à minha especial família; **pai, mãe e irmã**, um muito obrigado por sempre estarem ao meu lado, mesmo que há cerca de 900 Km... Amo muito vocês três!!!

Um agradecimento especial à minha querida orientadora **Gisele**. Uma pessoa que, sem sombras de dúvidas, talvez seja a maior responsável por hoje eu estar completando esta importante etapa na vida acadêmica. Gi, muito obrigado mesmo por tudo!!! Você é um ser humano maravilhoso, alguém que merece tudo de bom que a vida pode proporcionar. Seja muito feliz Gi, sempre vou torcer por você. Te adoro muito!!!

Gostaria de agradecer ao **LEL** – Laboratório de Estudos do Lazer e a todos os integrantes do mesmo, pela amizade e oportunidades de compartilhar experiências e idéias, especialmente a **Fê** (te adoro muito, boa sorte na vida!!! E a cegonha vem aí, hein...)

Aos membros integrantes da Banca de Defesa, Prof. Dr. **Afonso Machado** (há tempos um amigo, obrigado por tudo) e Prof. Dr. **Luiz Gonçalves Júnior**, além de uma bibliotecária maravilhosa que sempre me ajudou muito: obrigado **Suely**, você é demais!

À Academia **Água-Viva**, ao **Colégio Puríssimo** e à **Fazenda Ibicaba**, um muito obrigado por ter sido onde pude aprender um pouco mais no âmbito profissional e, também, a todas as pessoas legais que trabalham nestas instituições, boa sorte a todos!

E agora a parte mais difícil para muitos, a mais engraçada para outros, enfim, parte destinada aos amigos e companheiros que partilharam este longo caminho, juntos em momentos maravilhosos que ficarão em minhas lembranças para sempre. O meu Muito Obrigado a cada um de vocês...

A todos que vivenciaram comigo o período da graduação (e já citados no TCC), valeu pelo companheirismo das épocas mais descompromissadas, pelos meus anos iniciais e inesquecíveis em Rio Claro. Muito obrigado pelos bons tempos de outrora!!!

E agora a turminha mais recente... Em primeiro lugar (e não poderia deixar de ser), obrigado **Preto**, por ser este verdadeiro amigo que sei com convicção: “é meu amigo!” Você é um cara fora de série, aprendi muito contigo (e infelizmente aprendi o valor de uma cervejinha). Valeu pelos anos morando juntos, foi ali que nossa amizade realmente decolou. Espero muito mesmo reencontrá-lo mundo afora e que você vá me visitar um dia lá no sul. Boa sorte na vida muléke, você merece mais que demais!

Obrigado à ex-rep Garotinhos, por ter me acolhido por dois anos. Especialmente ao **Macalé**, um amigão que faz muita falta entre nós aqui em Rio Claro. Nosso eterno Tourão, valeu pelos momentos sempre divertidos que passávamos juntos!!!

Ano de 2004. Achei que fosse ser meu último ano por aqui, e nada. Devo mesmo ficar em 2005... Que bom, vou continuar morando numa república que nem tem nome (uns dizem Terra do Nunca, mas não sei na verdade qual é), mas que adoro muito desde o momento inicial que nela pisei. Obrigado **Conrado** (que já foi embora) e **Caio Chupeta**, é muito bom ter morado com vocês. O Conrado sempre quieto, nunca conversava, mas era gente boa demais. E você **Caião** (Sai Baba Turco), apesar de muito bagunceiro e quase sempre mal-humorado comigo, é um cara gente fina pra caramba! Pode ter certeza, gosto muito de morar contigo, você é um grande amigo. Boa sorte muléke!!!

A todas as pessoas que freqüentemente vêm nos visitar nesta nova república, fazendo sempre destas visitas momentos bastante descontraídos e alegres... Ao **Luizão** da Unesp (há tempos um amigão, adoro te encher o saco), **Taihnee** (versão humana da minie-mouse, gosto mto. de você), **Betão** (um grande amigo), **Pri** (a Prrrrri, te adoro mto., desculpa pelo golpe naquela festa), **Liz** (desculpe-me pelo atentado, vc ficou brava), **Tuca** (gente fina, e não esqueça que Ipatinga é mto. melhor que Poços!!!), **Laisa** (outra companheira, te adoro), **Sandra** (a + famosa do ventre no Brasil, te adoro!), **Bruna**, **Niterói e Mariana**, **Xixi** (valeu pelo filtro dos sonhos), **Danilo** (gente boa d+, mas lembre-se que o Jimmy dá um pau no Thor!), **Hugo** (japonês, valeu pelas viagens a Sampa), **Brunão Dracena** (cara, gosto muito de você), **Rodrigo** da cidade (sempre ta meio lento),

Alex (vem pouco aqui, mas é gente boa), Camilão (outra que já se foi, boa sorte amiga), Muringa (eterno freguês no playstation), Bianca (gosto de você, sempre divertida e falante), Manuel (parece um anjinho, é companheiro das viagens às cachoeiras), Grilo (aquele dia do Skank... E use sempre a camisa do Ipatinga!) Iko (nunca vem na rep.)

A você Mariangela, uma verdadeira amiga desde 1999, meu muito obrigado pela amizade sincera, só nós sabemos o quanto gostamos um do outro!!! Tomara Deus que possamos sempre manter o contato, sinto muitas saudades de você!!! Te adoro!!!

Não poderia deixar de lembrar dos membros integrantes da “Quarta Nobre”, um evento importante do meio acadêmico-científico realizado sempre no Tj: Preto (você ta sempre nas bebidas, foi por sua causa que este evento começou!), Marculino (outro da velha guarda, grande amigo), Renatinho (veio de JF pra ficar, gente boa demais, uai!), Coméinha (se não fosse aquele macarrão, lembra-se?), Felipinho (obrigado por ter jogado no seu time em 2002 e ter sido campeão do intercursos), Doug (comprou meus pesos pra ficar forte), Tércio (gente boa), Guaxupé (este é um safado, sempre fez mais atentados que eu!), Vinicius Rato (grande cara, muito camarada), Paias e Flavinho (cúmplices do maior atentado contra meu carro)

Ao meu grande companheiro fiel, Jimmy, que nem é meu, mas é como se fosse! Um grande amigo! E agora também o Jimmy Jr., que vai um dia comigo pro sul!

A uma garota que desde o final de 2002 foi minha fonte de energias para encarar as várias horas de aulas na academia e, achar que eu não estava perdendo tempo pra terminar este mestrado pelo fato de ter que ir até lá e ficar um tempão dando aulas. Era por sua causa, Marina, que vinha esta vontade, sei lá de onde. Sei das dificuldades pra poder ficar numa boa contigo, mas como disse um dia e você concordou: “nada é ao acaso”, quem sabe um dia... Ainda bem que este dia chegou!!! É muito gostoso estar juntinho de você, tô adorando este tempo que estamos juntos!!! Você é muito especial pra mim... Te adoro d+!!!

É bem provável que este trabalho tenha sido um de meus últimos realizados ainda aqui na Unesp/Rio Claro. Sendo assim, espero que vocês possam um dia ir visitar-me em minha casinha de madeira no sul, pois a saudade de cada um de vocês já é bem grande... Sejam sempre muito felizes na vida e até algum dia pessoal, quem sabe a gente não se encontra pelo mundo afora...

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo investigar, na visão de praticantes regulares, os principais elementos desencadeadores de aderência às atividades físicas de aventura na natureza, no âmbito do lazer. Para tanto, o estudo, de natureza qualitativa, desenvolveu-se por meio de uma pesquisa exploratória. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista semi-estruturada, composta por seis questões, aplicada a uma amostra formada por 20 adeptos há mais de um ano das AFAN, na cidade de Brotas/SP, com idades variando entre 21 e 45 anos, de ambos os sexos, nível de escolaridade diversificado e formação profissional variada. Os dados coletados foram analisados descritivamente, utilizando-se a técnica de Análise de Conteúdo Temático, estabelecendo-se três indicadores no sentido de agrupar as respostas em categorias temáticas semelhantes: *motivos de aderência à prática de AFAN; dificuldades percebidas para a prática regular de AFAN e, a significação das práticas de AFAN em nível pessoal*. Em relação aos motivos de aderência, os mesmos se concentram na vontade dos sujeitos entrevistados em fugir do cotidiano urbano, numa tentativa de melhorar a qualidade de vida pessoal e, na maioria das vezes, o contato com as AFAN deu-se por meio da influência da mídia. Acerca de quanto tais práticas estão associadas ao tempo de lazer dos indivíduos e quais os principais limites impeditivos à regularidade na prática, pode-se perceber que um final de semana por mês é o tempo despendido para a realização das AFAN, devido a fatores que servem como empecilhos à regularidade ainda maior, tais como a distância aos centros de prática e os excessivos gastos decorrentes da plena execução das atividades. Quanto ao real significado de participação nas AFAN, além de possíveis mudanças ocorridas desde a prática inicial, a maioria dos entrevistados salientou que tal prática reflete

o momento ideal destinado à concreta revisão de valores e atitudes para consigo próprio e os demais ao redor, havendo um aumento bastante perceptível no que tange aos níveis de satisfação pessoal e bem-estar, em decorrência da realização das atividades. Tornou-se possível, com base nos resultados do estudo, reconhecer as potencialidades e a abrangência dos níveis qualitativos propiciados pela interação humana com o meio ambiente natural, por meio das vivências de atividades físicas de aventura na natureza.

UNITERMOS: Aderência, Atividades Físicas de Aventura na Natureza, Lazer

SUMÁRIO

	Página
I. INTRODUÇÃO.....	01
II. JUSTIFICATIVA.....	05
III. REVISÃO DE LITERATURA.....	08
3.1 Definição da temática referente à aderência.....	11
3.2 Aderência às AFAN.....	16
3.3 Aderência feminina e caracterização do público-alvo.....	25
3.4 Elementos impeditivos à prática das AFAN.....	29
3.5 Caracterização geral das AFAN.....	32
3.6 Diferenciação das modalidades físicas tradicionais e as AFAN.....	37
3.7 Consumo mercadológico e as AFAN.....	42
3.8 Ética e respeito ao meio natural.....	46
IV. MATERIAL E MÉTODO.....	53
Objetivo.....	53
4.1 Natureza da pesquisa.....	53
4.2 Instrumento.....	55
4.3 Procedimento.....	56
4.4 Sujeitos.....	57
4.5 Coleta dos dados.....	57
4.6 Análise dos dados.....	58
V. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	60
5.1 Motivos de aderência à prática de AFAN.....	62
5.2 Dificuldades percebidas para a prática regular de AFAN.....	70
5.3 A significação das práticas de AFAN em nível pessoal.....	76
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
VII. REFERÊNCIAS.....	88
ABSTRACT.....	95
APÊNDICE.....	96

I – INTRODUÇÃO

O meio ambiente natural é extremamente vital aos homens e, esse mesmo ambiente tão imprescindível à vida, às vezes, tem sido relegado a um plano secundário, em função da existência de outros fatores, tais como a rotina diária e a exacerbada valorização ao trabalho, os quais acabam gerando a necessidade de válvulas de escape, capazes de minimizar os efeitos negativos e deteriorantes advindos do cotidiano.

É inegável que, para todos os povos, o desenvolvimento tecnológico e o crescimento econômico podem representar fatores importantes nas sociedades, porém não menos importante deve ser a adoção de estilos de vida que retratam uma preocupação com a abrangência dos níveis qualitativos da existência humana, entre eles a relação do homem com a natureza.

Nas últimas décadas, pode-se presenciar inúmeros “marcos” da história da humanidade, entre eles uma revolução tecnológica e informacional sem precedentes e, com o advento da industrialização, ocorreu uma supervalorização do progresso técnico-científico e um distanciamento progressivo do homem em relação às oportunidades de vivências em contato com ambientes naturais, em função dos valores sociais incutidos nesta relevância dada ao progresso.

De acordo com THOMPSON (2003), o desenvolvimento dos serviços postais em fins de século XVIII e a construção das ferrovias no início do século XIX, além da adoção do GMT (*Greenwich Mean Time*) como hora-padrão e dos fusos horários, influenciaram bastante o sentido de espaço e de tempo de pessoas comuns.

Este autor complementa que o desenvolvimento da tecnologia da telecomunicação na segunda metade do século XIX, bem como, do sistema de transporte, afetaram as possibilidades pelas quais os indivíduos experimentam as características de espaço e tempo da vida social. Além disso, os desenvolvimentos das indústrias da mídia permitiram o conhecimento de um mundo que se amplia para além de encontros diários, na possibilidade de atingir lugares antes inacessíveis aos seres humanos.

Com a reorganização social do trabalho e o aprimoramento no âmbito dos direitos humanos, o homem ganhou mais tempo disponível, no entanto, por não ter sido corretamente educado para valorizar outros aspectos que não o trabalho, possivelmente apresenta dificuldades em encontrar alternativas para lutar pela qualidade de sua vivência no tempo excedente.

Sob tais formas de pressão e de embotamento das emoções, o homem começa a sentir a necessidade premente de investir esforços no sentido de encontrar alternativas viáveis para reverter estes processos, buscando outros elementos capazes de fomentar ações mais positivas em sua vida, como por exemplo, ultimamente a procura pela natureza, quando se percebe o aumento do interesse e a conscientização sobre a necessidade de se tentar buscar condições favoráveis à possibilidade de imprimir mais qualidade à vida.

Muitos fatores podem representar motivos atuais que conduzem o indivíduo em busca de experiências mais prazerosas e significativas, sejam eles relacionados à questão da saúde, da fuga do cotidiano, da estética ou da simples contemplação.

Aderir a algum tipo de atividade, especialmente no âmbito das atividades físicas, requer do indivíduo um esforço para sair da rotina e tomar iniciativas capazes de motivá-lo a mudanças.

Estudos e relatos sobre aderência à atividade física vêm crescendo bastante, como os de NUNOMURA (1998), ORTIZ, ISLER E DARIDO (1999) e SABA (2001), aumentando o interesse de outros pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento.

No âmbito da motricidade humana, como em MARCELLINO (1987), BRUHNS (2000) e SCHWARTZ (2002), um campo de estudo que vem sendo bastante discutido na atualidade é o universo do lazer, no qual se pode notar um aumento das possibilidades de vivências marcantes, capazes de estimular olhares cada vez mais aguçados sobre estas questões de aderência nesta temática.

Um dos importantes elementos do lazer que vem crescendo ultimamente, em termos de interesses popular e acadêmico, é a prática de atividades físicas, inerentes ao conteúdo cultural físico-esportivo do lazer. Entre a gama de opções de atividades físicas existentes, as atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) têm merecido destaque nas reflexões pertinentes à área, tendo em vista a possibilidade de um novo redimensionamento da relação homem-natureza.

As relações entre os seres humanos e o meio ambiente, há algum tempo, segundo INÁCIO (1997), BETRÁN (1995) e SCHWARTZ e SILVA (1999), já vêm sendo

discutidas e despertando interesse crescente em várias áreas de pesquisa e, atualmente, têm sido foco de estudo na área da motricidade humana, ainda que de maneira sutil.

BRUHNS (1997) evidencia a importância de reflexão sobre esta interação humana com o meio ambiente, apontando o compromisso com mudanças de atitudes e valores, os quais possam interferir positivamente nessa relação.

Conforme evidencia SILVA, A. (1997:119), “Do ponto de vista da área da Educação Física, algumas questões têm se mostrado de forma mais contundente (...) o lazer no contato com o meio natural, através dos denominados esportes radicais”, demonstrando que as discussões sobre a natureza, no âmbito de tal área, têm se dado com maior ênfase relacionadas ao lazer, às ações humanas e à (re)descoberta do meio natural.

A potencialidade dessas atividades está associada a uma gama de fatores motivacionais, os quais despertam o interesse humano a tais práticas, mesmo que possam existir barreiras impeditivas a essa aproximação ao ambiente, tais como a distância dos centros urbanos aos locais propícios à prática, os preços dos equipamentos de segurança para a realização das atividades propostas, entre outras dificuldades.

Isto é, justamente, o que instiga esta reflexão, no sentido de ampliar a compreensão do universo relativo aos fatores desencadeantes de aderência às práticas em contato com o ambiente natural, focalizando-se as vivências em atividades de aventura, elementos importantes na atualidade dos estudos referentes ao âmbito do lazer.

II – JUSTIFICATIVA

Os seres humanos, marcados por resquícios de uma formação centrada na cultura do trabalho e do consumo, parecem ser alvo vulnerável da tendência massificadora das formas de preenchimento do tempo excedente, exercida pelo mercado, impondo-se uma pseudonecessidade por produtos e serviços diversos, inclusive no que tange às possibilidades de vivências no âmbito do lazer.

As expectativas presentes no ser humano em busca de alternativas com maiores qualidades, frente à exacerbação centrada na cultura do trabalho e do consumo, podem recair sobre a crescente procura por vivências mais significativas, tornando as atividades de aventura junto aos ambientes naturais uma nova perspectiva, no sentido da tentativa de preenchimento desta inquietação humana em busca da melhoria da qualidade existencial.

Nesse pressuposto, estas vivências junto à natureza podem representar oportunidades de se assumir riscos controlados, característicos das vivências lúdicas, associadas aos sabores de aventura, do ineditismo, da novidade, aspectos inerentes a estas práticas, as quais são capazes de instigar novas sensações e percepções, talvez bastante

diversas daquelas do cotidiano massificador e reprodutivo. Abrem-se, com isso, outras necessidades de focos de olhares acadêmicos instigando novas reflexões.

No atual contexto das sociedades contemporâneas, de acordo com NAHAS (2001), o estilo de vida ativo, hábitos saudáveis e a atividade física, podem, cada vez mais, representar fatores decisivos de qualidade de vida e sensação de bem-estar, entendendo que há múltiplos fatores intervenientes e determinantes na qualidade de vida da população, tais como satisfação no trabalho, prazer, relações familiares, entre outros, numa combinação que caracteriza os níveis qualitativos em que vive o homem contemporâneo.

É instigante entender que os fatores acima citados representam, então, um grande desafio a ser vencido para todas as áreas do conhecimento, no sentido de focalizarem mais atenta e incisivamente as perspectivas de aprimoramento de intervenções, capazes de estimular as mudanças requeridas para adoção de novos estilos e hábitos saudáveis.

Especialmente no que concerne à área de estudo do movimento, mais particularmente a Educação Física, cujo universo tem se ampliado para além das quadras e campos, em direção a novos segmentos de prática, como o caso das atividades físicas de aventura na natureza, torna-se premente investir esforços acadêmicos, justificados no sentido de se compreender essas novas tendências.

De acordo com BRUHNS (1997), a área do conhecimento relacionado à motricidade humana deve reconhecer os propósitos de tais práticas, bem como entender a relação homem-natureza em suas nuances.

Mesmo que possam existir elementos desfavoráveis, tais como o alto preço dos equipamentos ou a distância aos principais centros de práticas, estas atividades vêm ganhando adeptos e representam importantes focos na indústria do entretenimento, instigando, justamente, o interesse deste estudo em investigar os fatores desencadeantes da aderência em relação a tais práticas, além da tentativa de demonstrar a premência de novos esforços acadêmicos aprofundados, interessados em investigar as relações entre homem e natureza, no sentido de colaborar com as reflexões da área.

Outro ponto que justifica o estudo é a tímida produção nacional de pesquisas e estudos na área da motricidade humana diretamente voltados a esta temática, tendo em vista o processo dinâmico relacionado a tais práticas. Poucos estudiosos têm enfatizado a relação homem-natureza dentro do contexto do lazer, tornando-se importante uma ampliação deste universo focalizado.

No entanto, essa produção parece estar crescendo ao se tomar por base a gama de elementos que permeia essa relação homem-natureza. Alguns aspectos são mais retratados em detrimento de outros, os quais podem fornecer importantes caminhos para a compreensão desse universo pesquisado, na tentativa de propor soluções para futuros aprofundamentos.

III - REVISÃO DE LITERATURA

A complexidade do lazer como fenômeno social tem demonstrado a necessidade de uma compreensão abrangente e, assim, novas discussões e reflexões se tornam prementes, com o intuito de facilitar o entendimento desta temática nos dias atuais.

A temática histórica e o desenvolvimento sazonal do lazer têm sido já muito bem explorados em estudos clássicos e contemporâneos, como em DUMAZEDIER (1974), MARCELLINO (1987, 1992), GAELZER (1979), CAMARGO (1986), entre outros que se dedicam ao tema, no entanto, estes elementos, apesar de permearem toda a extensão deste estudo, não constituem foco central de análise do mesmo, sendo, portanto, abordados aqui de maneira simplificada, no sentido de iniciar a contextualização da reflexão.

De acordo com seu clássico estudo, DUMAZEDIER (1974) aponta que há idéias de espontaneidade e desinteresse associadas ao lazer, tomando-o como momento destinado à livre vontade, seja para repousar ou divertir-se, tendo participação voluntária e livre capacidade criadora, longe das obrigações profissionais, familiares e sociais.

A noção de lazer, para GAELZER (1979), está pautada sob três óticas, evidenciando o lazer ligado ao tempo, à atitude e à atividade, numa premissa do mesmo poder representar uma possível situação de liberdade, habilidade e prazer.

Em outro momento, MARCELLINO (1987) salienta que se deve ter muito cuidado para não se funcionalizar o lazer, situação em que este se apresenta apenas com objetivo secundário, sendo tomado como meio para se atingir outros fins e não o tomando com um fim em si mesmo, pois tal fato pode tirar dele estas características da espontaneidade e da livre opção.

Com o propósito de maximização das possibilidades tangenciadas à escolha de forma espontânea e consciente pelas atividades que mais atestam os interesses individuais, DUMAZEDIER (1980) enfatiza que se torna necessário compreender o lazer em sua totalidade e propõe os clássicos cinco conteúdos culturais do lazer. Esta classificação tornou-se bastante polêmica, porém, tendo em vista sua contribuição histórica representada pelos conteúdos físico-esportivos, manuais, intelectuais, artísticos e sociais, tais elementos são até hoje utilizados, quando a proposta é compreender pedagogicamente os aspectos relativos ao lazer.

Mais recentemente, CAMARGO (1986) propõe a ampliação destes conteúdos, inserindo as atividades turísticas, as quais foram consideradas como a sexta área a ser inserida como conteúdo cultural do lazer, uma vez que este elemento representa parte da modernidade, sendo o setor do turismo bastante procurado pela população contemporânea nos momentos de tempo livre.

Dentro desta mesma perspectiva de atualização destes conteúdos de maneira sazonal, SCHWARTZ ET AL. (1998) e, posteriormente SCHWARTZ (2003) evidenciam a necessidade de se acrescentar o conteúdo virtual do lazer a estes seis já existentes, uma vez ser

fato consumado o avanço tecnológico, com uso intenso da rede Internet de comunicação e a prática cada vez mais recorrente de jogos eletrônicos e uso do computador para pesquisas e como fonte de vivências culturais no contexto do lazer, experimentadas de maneira individual ou coletiva.

Em virtude dessa gama de características e conteúdos concernentes ao lazer, este campo vem sofrendo constantes alterações, devido às inúmeras mudanças sociais que ocorrem na era contemporânea e, com isso, a participação crescente em atividades físicas nesse âmbito também pode ser associada às preocupações da população em conquistar maiores possibilidades para se viver melhor.

Além da discussão referente ao lazer, as temáticas relativas à motivação e à emoção, embora implícitas no trabalho, também não representam foco central de análise, uma vez ter sido o mesmo delimitado ao conceito de aderência, pelo fato de que os três conceitos psicológicos (motivação, emoção e aderência) são bastante complexos, merecendo atenção individualizada, a qual, certamente, este estudo não comporta, tendo-se optado pelo aprofundamento na temática da aderência, elemento de maior contextualização nesta reflexão.

Entre as inúmeras possibilidades de se vivenciar o lazer, um novo campo de estudos e investigações vem merecendo o olhar de diversos pesquisadores da atualidade, entre os quais BETRÁN (1995), SCHWARTZ e SILVA (1999), FEIXA (1995), MARINHO (1999a, 1999b), o qual diz respeito à relação existente entre o lazer e a participação humana nos espaços representados pelo meio ambiente natural.

A população, de acordo com TAHARA, SCHWARTZ e SILVA (2003), cada vez mais freqüentemente, sente a necessidade de usufruir, da melhor maneira possível, seu tempo disponível, tentando, assim, minimizar os efeitos deteriorantes das vivências cotidianas, as quais podem interferir nos níveis qualitativos da existência humana.

Neste sentido, uma das maneiras que se apresenta tem sido a busca mais constante por atividades físicas em geral e, dentre as inúmeras possibilidades de prática, busca-se num primeiro momento, entender-se como se situa a definição acerca da temática da aderência à prática de exercícios físicos em geral para, num segundo momento, compreender como o meio ambiente natural vem sendo procurado com maior ênfase pelas pessoas, as quais aderem às vivências práticas em íntimo contato com a natureza, com diferentes anseios e expectativas.

3.1 - Definição da temática referente à aderência

A questão da aderência às diversas formas de práticas de atividades físicas tem merecido a atenção de alguns autores, os quais apresentam suas contribuições no sentido de identificar a compreensão deste termo adesão ou aderência e dos fatores motivacionais a ele relacionados.

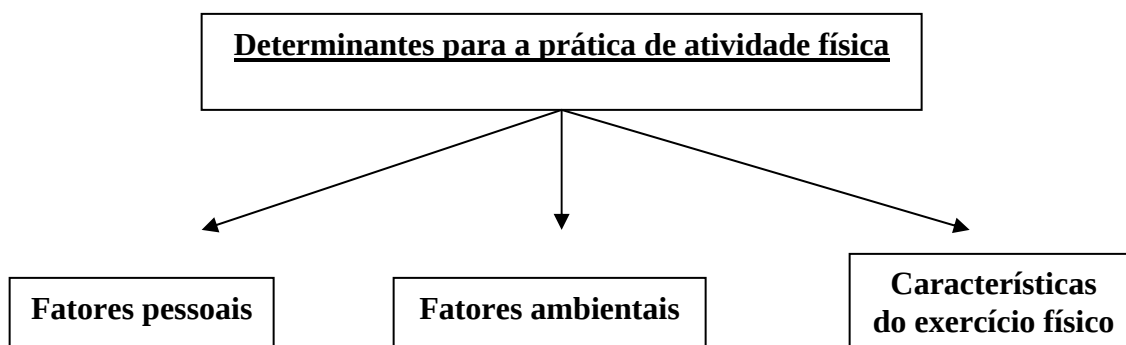
Entende-se como aderência, conforme salienta BARBANTI (1994), a participação mantida constante ou não, em atividades físicas, consideradas nas formas individual ou coletiva, previamente estruturados ou não.

De acordo com SABA (2001, p-39), “aderência é a manutenção da prática de exercícios físicos por longos períodos de tempo, como parte da rotina dos indivíduos”.

Esse mesmo autor complementa que a questão da aderência pode ser entendida como sendo o ápice de uma constante evolução em direção à prática regular de determinada atividade física e do subsequente bem-estar nos níveis físico e psicológico.

Torna-se importante comentar que, tanto para BARBANTI (1994) como para SABA (2001), a definição de aderência está voltada para a questão da manutenção à prática física, mas não se pode perder de vista que há um ponto anterior à manutenção que é a chave para a existência dos motivos de aderência que impellem a pessoa a iniciar-se em uma determinada atividade.

Para SABA (2001:71), os motivos que propiciam a aderência podem ser visualizados em três grupos principais:



O referido autor comenta que, entre o grupo dos fatores pessoais, os principais aspectos incisivos à questão da aderência estão vinculados ao histórico pessoal quanto à prática de atividade física, bem como a ocupação do indivíduo, os maus hábitos relacionados ao estilo de vida e a preocupação daí advinda, o nível educacional e a idade dos participantes, além da automotivação inerente à atividade.

Em relação aos fatores ambientais, o apoio do companheiro, a facilidade de acesso ao local, o reforço social e a percepção do tempo disponível são determinantes significativos para o processo de adesão e subsequente manutenção da prática física. Como terceiro grupo influente nesta questão, situam-se as características do exercício físico, no que tange à percepção da intensidade da atividade e as características do corpo técnico envolvido.

Corroborando com as reflexões apontadas por SABA (2001), os estudos de ORTIZ, ISLER E DARIDO (1999) evidenciam que os fatores determinantes de ordem pessoal parecem ser aqueles que acabam levando as pessoas à adesão inicial à prática, incluindo aí variáveis demográficas (gênero, grau de escolaridade, idade e condição financeira) e experiências passadas vivenciadas com sucesso ou prazer relacionadas ao exercício físico, afirmando, ainda, que é necessário buscar compreensão sobre como influir positivamente na questão referente aos aspectos mantenedores da prática.

Convém ressaltar nesta discussão que, talvez, nem sempre, a pessoa que adere a uma determinada atividade física se mantém ativa por muito tempo, dependendo de seus objetivos em relação à prática, seu tempo disponível, entre outros elementos, os quais têm íntima ligação com as atitudes e os comportamentos do indivíduo, no que tange à manutenção da assiduidade e regularidade na prática.

DISHMAN (1998), a respeito da definição do termo, acrescenta que aderência é um processo dinâmico, na qual deve existir um determinado motivo que te faz aderir e, assim, pode-se acompanhar determinadas mudanças de comportamento,

evidenciando a importância da participação constante como aspecto incisivo à obtenção de melhores resultados advindos da prática física.

A respeito do tema em questão, OKUMA (1994) salienta que pesquisas e estudos sobre aderência a programas de atividade física vêm crescendo bastante, além de enfatizar que há múltiplos fatores que levam à adesão das pessoas à prática física, os quais referem-se, entre outros, às características do próprio cliente, do programa estabelecido e do meio ambiente envolvido (grupo e família), além da importância na conscientização acerca da não desistência à atividade física.

ALLSEN, HARRISON e VANCE (1997) relatam a crescente aderência da população à prática de atividades físicas, seja em ginásios, clubes, campos e também em contato direto com a natureza, uma vez que está havendo uma crescente conscientização a respeito da importância da prática regular de exercícios, para o aprimoramento dos níveis físico, psicológico e social.

Em relação a este último aspecto, conforme salienta WANKEL (1993), a interação social representa um dos principais fatores determinantes da adesão e posterior manutenção de prática, sendo que as pessoas sentem mais prazer e atração pela atividade quando os membros do grupo identificam-se entre si.

Acerca do comentado acima, pode-se notar que as influências sociais da família e amigos são, também, de extrema importância à aderência e subsequente manutenção da atividade física, pois este suporte social incentiva o praticante ao comprometimento de buscar o objetivo de manter-se fisicamente ativo, tendo prazer e alegria na realização da atividade.

Ampliando a discussão, DIEGO e SAGREDO (2004) enfatizam que se sentir membro do grupo, pertencendo a um coletivo e em contato positivo com outros semelhantes são algumas das necessidades que impulsionam determinados indivíduos a envolverem-se na prática de atividades físicas.

Nesse sentido, sobre esta questão referente ao processo de interação social, MAFFESOLI (1996) remete suas reflexões às “tribos pós-modernas”, nas quais atitudes e comportamentos são tomados pelo homem a fim de tornar-se familiar a um determinado local, bem como a várias pessoas e, desta forma, fortalecendo o grupo a que pertence, no sentido de dar expressão aos seus anseios e às possibilidades de encontrar seus semelhantes, visando a construção de uma identidade própria e também com os outros.

Os conflitos e divergências parecem ser partes imprescindíveis das relações humanas e dessa criação de uma identidade e, num dado momento, mesmo com as possíveis diferenças entre os membros integrantes do grupo, há de existir maneiras pelas quais esses problemas sejam solucionados, a fim de que haja um fortalecimento do vínculo entre eles, tendo satisfação e prazer na prática de atividades físicas em um grupo social, o qual possa ter enredo positivo sobre a vida da pessoa.

O prazer em usufruir determinada atividade física, verificado nos estudos de ALLSEN, HARRISON e VANCE (1997), torna-se, também, uma das principais razões contribuintes ao processo de aderência e os autores complementam enfocando o poder das atividades físicas em reforçar a imagem corporal e o autoconceito positivo dos indivíduos que as praticam.

Pode-se, assim, afirmar que estudos e pesquisas sobre aderência à atividade física vêm crescendo bastante, aumentando o interesse de pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento. De maneira mais específica, embora ainda com tímida produção acadêmico-científica, a temática referente à aderência às atividades físicas de aventura também vem sendo estudada e enfocada, buscando-se entender o processo da procura por tais atividades praticadas em contato direto com a natureza.

3.2 - Aderência às AFAN

No que concerne à aderência às diversas vivências de aventura realizadas em meio natural, tal temática tem conhecido um forte crescimento nos últimos anos, uma vez que essa (re)aproximação aos ambientes naturais pode surgir, inclusive, como contraponto a um estilo de vida sedentário e a uma sociedade cada vez menos “natural”.

Os hábitos das pessoas inseridas nos grandes centros urbanos parecem favorecer esta sociedade menos “natural”, uma vez que hoje se pode notar um consumo desenfreado de alimentos não muito saudáveis ao organismo, a acusação da falta de tempo como empecilho à prática regular de determinada atividade física, além de muitos outros fatores que contribuem para uma não aquisição de um estilo de vida ativo e saudável.

Porém, há também determinadas parcelas da população que se preocupa com a oportunidade de maximizar suas condições de vida e, desta forma, procuram centrar foco, por exemplo, na prática de exercícios físicos regulares, sendo alguns destes aqueles vivenciados diretamente ao meio ambiente natural.

Em relação às práticas de atividades físicas realizadas junto à natureza, as mesmas recebem denominações diversas, como esportes de aventura, ecoturismo, esportes radicais, *outdoor activities*, esportes californianos, entre outras, mas, para o presente estudo, tais práticas serão denominadas como atividades físicas de aventura na natureza (AFAN), terminologia sugerida por BETRÁN (2003), atualmente um dos autores mais representativos em tal área de estudo. O motivo por tal terminologia deve-se ao fato de ser esta a designação de toda e qualquer atividade feita em meio natural, portadora de características peculiares, envolvendo os aspectos do risco controlado e permeado pelo limite das vivências lúdicas, numa busca pelas sensações e emoções junto ao meio ambiente natural.

Estas atividades com características mais “radicais” parecem ser uma expressão dessa busca incessante pelo prazer e pelas satisfações pessoais, marcadas pelo risco, pela vertigem, com a possibilidade de superação de limites internos e externos; uma vontade em buscar a liberdade e a autonomia em um contato intenso com o meio ambiente natural.

De acordo com LACRUZ e PERICH (2000), o desejo de romper com o cotidiano e ir ao encontro da natureza, respirar ar puro, reencontrar-se consigo mesmo, buscar sensações e emoções fortes, provar limites pessoais em situações de perigo eminente são algumas das causas que têm motivado a aderência às diversas atividades físicas de aventura.

É neste sentido que, talvez, o autor procura entender essa reaproximação humana ao meio ambiente como uma busca em exercitar e intensificar uma relação

renovada consigo próprio e com outros seres ao redor. Assim, pode-se abrir novas chances de promover uma sociabilidade cada vez mais recorrente entre indivíduos, os quais objetivam vivenciar algo significativo e prazeroso, tendo a oportunidade de conhecer novas pessoas, trocar experiências e compartilhar ideais, em um ambiente bem diferente daquele vivido no dia-a-dia.

Corroborando com o exposto acima, CAPUANO (2000) explicita que a busca pelas AFAN pode ser traduzida pela existência de alguns elementos promotores do contato inicial com tais atividades, entre os quais destaca-se a procura por emoções fortes, pela possibilidade de descansar e aliviar as tensões da rotina urbana, além de oportunizar momentos que favoreçam a integração com outras pessoas e com as belezas inerentes à natureza.

De certa forma, uma possível viagem a um local que favoreça a prática de AFAN, mesmo que com duração de apenas um final de semana, por exemplo, pode representar, para determinados indivíduos que buscam esse contato intenso com a natureza, a possibilidade de uma descontinuidade nas vivências rotineiras e cotidianas, no sentido de poder contemplar e interagir com paisagens, as quais, dificilmente, são vistas em meio urbano.

A esse respeito, TAHARA e SCHWARTZ (2003) salientam que, atualmente, denota-se crescente conscientização da necessidade de vivências mais espontâneas e significativas, surgindo uma vontade de fuga da rotina estressante e do caos urbano. Assim, a aderência às atividades físicas na natureza estimula uma integração entre

necessidade e prazer, oriundos dos diversos aspectos positivos provenientes das vivências em meio natural.

Nos últimos tempos, um significativo desenvolvimento acerca das AFAN vem se tornando bastante difundido em nível nacional, as quais foram se tornando cada vez mais populares sendo, dessa forma, plausível acreditar numa taxa crescente na adesão, conforme evidencia BRUHNS (1997), referindo-se ao fato do Brasil possuir inúmeros parques e reservas ecológicas, onde a prática de tais atividades pode ser favorecida e procurada constantemente por fluxos de adeptos de origens nacional e internacional.

Interessante comentar que hoje se pode experimentar sempre novas tendências em relação às AFAN, evidenciando-se novos motivos para se aderir e participar dessas vivências naturais.

Dentre os inúmeros fatores capazes de promover e reforçar o gosto pronunciado pelas AFAN, conforme enfatiza POCIELLO (1995, p.119), estão a: “[...] flexibilidade e rapidez de adaptação, leveza e mobilidade, pequenos grupos, domínio de tecnologias avançadas, organização em rede, senso de iniciativa e capacidade de assumir riscos calculados [...]”.

Nesse sentido, o autor dá pistas de que o gosto pelas sensações de risco manifesto nessas práticas esportivas possa ser mesmo um desencadeante da alta procura por tais atividades, as quais possuem, dentre suas inúmeras características, a constante superação de limites, a vertigem, enfim, aspectos ligados diretamente à aventura e ao risco.

SCHELP (2003) salienta em seu estudo que o índice de aceitação dessas vivências de aventura na natureza como uma das maneiras de usufruto no lazer torna-se

bastante expressiva. A razão da procura por essas atividades é uma tendência do ser humano pelo gosto de ir de um extremo ao outro, de superar obstáculos, tanto no ambiente de trabalho quanto na natureza.

Conforme elucida BETRÁN (2003, p. 159): “O turismo, o ócio, a natureza, o esporte, a aventura, os relacionamentos... unindo esses conceitos encontramos um mix atrativo[...]”, referindo-se às possíveis características que reforçam a admiração pela prática das atividades de aventura na natureza.

De acordo com os relatos de FEIXA (1995), os indivíduos que procuram por tais atividades no ambiente natural têm como objetivo em comum a realização de atos diversos àqueles da vida corriqueira, além da pretensão em escapar, ao menos temporariamente, das grandes cidades, numa busca premente pelo contato com a natureza.

Determinadas pessoas, preocupadas com essa fuga temporária do cotidiano, numa tentativa de amenizar as possíveis adversidades oriundas do mesmo, vêm constantemente procurando por alternativas viáveis a este problema, podendo ser uma delas a alternativa centrada na aventura e no risco calculado, propiciado pelas AFAN.

Acerca do comentado acima, NGUYEN, POUPART, NORMANDEAU, LAPLANTE e DAMESTOY (2002) difundem a idéia de que devem ser feitas novas investigações no que tange às temáticas do risco e da aventura, uma vez que tais características podem ser vitais em relação à aderência às atividades de aventura praticadas ao ar livre.

SCHELP (2003, p.70), nesse sentido, salienta que: “[...] entre os homens e as mulheres, vê-se a todo instante, a cintilação da aventura por trás de todas as atividades

humanas. Talvez em nenhum campo isso seja mais visível do que nos chamados esportes radicais [...]”.

O estudo de LIEDTKE (2004) aponta que o campo das vivências radicais cobre uma vasta oferta de atividades, as quais são praticadas com diferentes motivações relacionadas à adesão, onde a natureza parece ser um aspecto importante a ser considerado.

Nessa questão referente à importância do ambiente, SEABRA (2003) enfatiza que o território nacional vem sendo assediado por um expressivo número de turistas em busca do desfrute de suas paisagens naturais, extremamente ricas em biodiversidade, características estas capazes de influenciar o deslocamento das pessoas para estas áreas com o propósito de praticar atividade física de aventura ou mesmo contemplar a natureza em seus íntimos aspectos.

Alguns locais do Brasil favorecem a prática de AFAN, por possuírem características naturais em seu relevo, as quais induzem os adeptos de aventura a olhares aguçados sobre tais localidades, como é o caso da cidade de Bonito (MS), com opções de mergulho em águas transparentes; a Chapada dos Veadeiros (GO), com seus famosos *canyons*; o PETAR (Parque Estadual Turístico do Alto da Ribeira) e seu grande número de cavernas; a cidade de Brotas (SP), com suas inúmeras cachoeiras e corredeiras, entre muitos outros lugares que possuem condições propícias e facilitadoras da referida prática.

Indubitavelmente, há vários fatores extrínsecos, como a artificialização de objetos e pessoas, as belezas inerentes à natureza, o crescimento populacional, entre outros, além de fatores intrínsecos, tais como aspectos relacionados à auto-estima, concretização de sonhos e ideais, os quais parecem, talvez, tornar importantes elementos desencadeantes do

retorno dos seres humanos ao contato com o ambiente natural, mais precisamente, com o propósito de praticar atividades físicas de aventura.

A busca pelo prazer, pela emoção e pela aventura podem representar, na visão de SCHWARTZ (2002), entre outros elementos como os anteriormente citados referentes à adesão às AFAN, importantes aspectos potenciais para fomentar possibilidades de alterações de atitudes e valores, características fundamentais ligadas ao hábito destas práticas, capazes de interferir na perspectiva de mudanças de estilos, almejadas no mundo contemporâneo.

A vontade relativa em adotar ou não para si um determinado estilo de vida depende diretamente das condutas e valores que permeiam o indivíduo e a sociedade na qual ele está inserido, sendo ele próprio um dos grandes responsáveis por conscientizar-se da necessidade de novas mudanças comportamentais. No que tange à busca por estilos mais saudáveis, parece estar havendo uma crescente conscientização a respeito da importância de praticar uma atividade física que proporcione prazer e satisfação e, como consequência, nota-se maior ocorrência de mudanças nos estilos de viver, com as mudanças axiológicas acerca da necessidade de aquisição de novos estilos existenciais, as quais parecem querer superar as vivências condicionadas ao cotidiano e, com base no desejo e na vontade, identificam-se com a busca por vivenciar novas experiências significativas e que possam proporcionar sensações de bem-estar.

ALLSEN, HARRISON e VANCE (1997) salientam que promover atividades físicas entre crianças, adolescentes, adultos e terceira idade é uma das maneiras

mais eficazes de melhorar a saúde e a qualidade de vida, sendo muito importante em todos os estágios da vida humana, no sentido da promoção de estilos de vida ativo e saudável.

Segundo NAHAS (2001) há ainda muitas pessoas sem conscientização a respeito da importância de mudanças atitudinais que possam favorecer a busca pela prática de exercícios físicos regulares, tendo em vista que a motivação para tais práticas parece ser resultante da interação de variáveis psicológicas, ambientais, sociais e genéticas.

Conforme evidencia MARINHO (1999a), as pessoas sentem-se atraídas e motivadas pelo entretenimento, pela busca de emoções, pela aventura, procurando o envolvimento com práticas alternativas e criativas de manifestação no lazer, tais como as AFAN, as quais requerem o meio natural como cenário principal para sua realização.

Compartilhando dessas idéias, destaca-se um crescimento significativo na adesão e participação em atividades do âmbito do lazer, devido às ofertas e diversidade de possibilidades de vivência de experiências significativas, entre as quais destacam-se aquelas vinculadas ao contato dos seres humanos com o meio natural, experimentando a aventura a cada instante, elementos que parecem intervenientes, quando se focaliza a questão da qualidade existencial.

Alguns autores, como BRUHNS (1997) e SCHWARTZ e SILVA (1999), enfatizam o interesse acadêmico atual no entendimento de alguns aspectos referentes aos níveis qualitativos de vida, no que tange às atitudes e aos valores pertinentes à relação homem-natureza.

BRUHNS (1997) acredita que hoje se vive uma fase complexa, com perdas de valores e estilos de vida, vazios existenciais e incômodos permanentes. Busca-se algo

desconhecido e indefinido, podendo ser este um dos interesses na procura de tais atividades, as quais estão centradas na aventura, no risco controlado, decorrente das manifestações lúdicas.

As reflexões propostas por SCHWARTZ e SILVA (1999) salientam o papel da natureza, não mais como pano de fundo apenas ou como adversária, mas enquanto possibilidade de ser encarada como parceira e coadjuvante em todo o processo da vida humana, no sentido de catalisar positivamente a qualidade de subsistência de ambos.

Torna-se necessário que a população como um todo adquira consciência com o compromisso de mudanças atitudinais e de valores, sendo capaz de gerar oportunidades de vivenciar experiências significativas e prazerosas, além da possibilidade de poder experimentar novas percepções e sensações atreladas ao meio natural, experiências estas que podem interferir nos níveis qualitativos da vida.

TERUYA (2000) evidencia, sobre esse aspecto, os novos rumos da relação homem-natureza, perspectivando a importância das atividades de aventura, como propiciadoras de um contato mais consciente e significativo com o ambiente natural, pautado na tentativa de aquisição de novos hábitos e valores.

Os desafios para a concretização de mudanças atitudinais referentes às atividades de aventura representam uma premissa no aprimoramento das perspectivas relacionadas ao aprendizado que se pode ter com a própria natureza, no sentido de oportunizar momentos propícios à revisão de valores e atos cometidos consigo próprio e com outros ao seu redor.

BRUHNS (2000) evidencia a importância de se repensar esta relação humana com o ambiente, sugerindo que as experiências sensíveis do corpo com a natureza podem significar a possibilidade concreta de revisão de valores, onde o desejo do homem de promover o reencontro consigo mesmo aparece na perspectiva de reconhecer este espaço ocupado por seu corpo no mundo contemporâneo.

A proposta de valorização dos elementos oriundos do meio natural pode gerar catalisadores positivos para mudanças atitudinais e de valores, referentes à percepção de que a natureza não pode mais ser tomada como algo exterior ao corpo, o qual pode ser considerado como o início de novas representações e experiências mais significativas, inclusive para as mulheres, as quais também vêm aderindo a tais práticas em contato direto com o meio natural.

Importante comentar que as AFAN não se constituem como uma prática física oportuna a todos, devido a alguns fatores negativos e que contribuem para um determinado nível de exclusão, tal como o preço excessivo para a plena realização das atividades. Mas, o que se percebe é que tal exclusão parece não incidir sobre a questão do gênero, uma vez já estar sendo comprovada a participação das mulheres na prática de atividades físicas em geral, inclusive também nas AFAN.

3.3 - Aderência feminina e caracterização do público alvo

As atividades físicas de aventura na natureza tiveram, por muito tempo, uma caracterização masculinizada, devido aos elementos força, coragem e agressividade que

permeavam tais práticas, tornando-as especialmente designadas como inadequadas para a população feminina.

A mulher sempre foi direcionada à prática de atividades que não exigiam grandes esforços físicos, outros elementos eram valorizados, como a fragilidade, a sensibilidade e a delicadeza. No entanto, pode-se perceber, nos dias atuais, uma crescente busca pelas práticas de aventura que, até então, eram consideradas apropriadas somente aos padrões masculinos (SILVA, R. 2004).

Com a prática dessas atividades de forma cada vez mais incidente, a mulher vem tentando mudar os conceitos, superar preconceitos e mostrar que possui capacidades e habilidades adequadas para tais práticas, assim como os homens, além de ter o direito à oportunidade de demonstrar suas potencialidades nos universos social e esportivo, inclusive no que concerne à prática de atividades que envolvem a aventura de maneira extrema.

A possibilidade de estar em contato com a natureza, segundo SILVA, R. (2004), bem como a busca por experiências novas, pelos benefícios e pelas sensações prazerosas relacionadas às trocas de fluídos positivos entre o homem e o meio natural conduziram a maioria da população alvo de seu estudo a começar a praticar as AFAN.

De acordo com BRUHNS (2003), em uma entrevista com um agente de *rafting*, este apontou uma presença significativa de mulheres nessa prática, ou seja, nada menos que 60% do seu público eram constituídos por mulheres.

A autora prossegue, evidenciando que essas práticas carregam forte dose de valores femininos em detrimento dos masculinos, embora, evidentemente, estes não estejam excluídos. Elementos como sensibilidade, estética, entrega, medo ou fragilidade

não constituem o repertório dos valores masculinos como suposto “sexo forte”, os quais podem ser identificados como dominação, potência, frieza, racionalidade e outros. Por fim, a autora salienta que:

[...] a presença de mulheres aproxima-se da rejeição ao desejo agressivo de exercer o poder, da fama, ambição, coragem física, conquistando um espaço em um poder potencial, em que imagens da passividade, da aceitação e da fraqueza tornam-se presentes, muito próximas de uma ética feminina operando na base da aceitação do laço emocional com o outro, da identificação, da simpatia, da reciprocidade (p.49).

As mulheres, segundo LACRUZ e PERICH (2000), quando realizam quaisquer tipos de atividades físicas de aventura na natureza sentem um grande bem-estar e prazer, causados pela realização plena do desafio proposto, uma vez que, durante a atividade, podem sofrer momentos de crise pela dificuldade do referido local, bem como da prática em si.

Ampliando um pouco mais a discussão, o estudo de JORDAN (1992) relata uma crescente participação feminina, uma vez que a possibilidade desse reencontro está aberta para ambos os gêneros, sendo que a mulher, hoje em dia, vem encarando essas vivências como uma forma de aprimorar as opções de atividades no âmbito do lazer, além de conquistar os diversos espaços sociais, demonstrando suas capacidades e habilidades, mostrando cada vez mais segurança e capacidade para enfrentarem esses desafios propostos pelas vivências de aventura na natureza.

Quando se observa o público adepto dessas práticas na natureza, constata-se uma grande mixagem, seja em relação ao gênero ou à idade, diferente do que ocorre em clubes urbanos nas quadras esportivas, com públicos constituídos somente por homens ou

mulheres, jovens ou crianças, separadamente. De acordo com BRUHNS (2003) esse fato revela a possibilidade de uma troca interessante de experiências nas aventuras imaginadas, em que são desenvolvidos comportamentos adaptativos necessários para que o grupo mantenha-se unido, como aguardar pelos mais vagarosos, não acelerando a marcha. Exercício contrário à exigência pelo mais forte e veloz.

A maioria das vivências praticadas na natureza necessita da presença de mais de uma pessoa, onde o grupo atua de maneira conjunta, praticando a sociabilidade, a cooperação e a troca de informações, evidenciando-se nestas atividades a aventura compartilhada, na premissa de poder-se gerar novos laços interpessoais de amizade e confiança mútua.

Segundo BETRÁN (2003), estas práticas valorizam o indivíduo como um todo, pois elas podem favorecer a indistinção de gênero, idade ou nível social para suas vivências. Estas se cercam do cooperativismo, da união entre os indivíduos em se chegar a um fim comum: a aventura.

Desta forma, fica bastante evidente que as AFAN possuem como característica a inclusão relacionada ao sentido de participação das pessoas constituindo um grupo e, não sendo comum a exclusão de determinados indivíduos por possuírem, por exemplo, diferenças quanto ao gênero ou etnia.

A sociabilidade e o companheirismo parecem ser encontrados presentes nas mais diversas modalidades, as quais podem ser praticadas por idosos, mulheres e crianças de idades variadas, abrindo-se, assim, um novo campo de interesse de vivências mais significativas no âmbito do lazer, mesmo que possa existir uma variedade de barreiras e

obstáculos, no que tange a uma participação efetiva e regular, uma vez que a inclusão às AFAN depende da superação desses possíveis empecilhos desencadeantes das dificuldades que tangenciam a regularidade na prática.

3.4 - Elementos impeditivos à prática das AFAN

Mesmo com todas as particularidades positivas, alguns elementos que cercam as atividades na natureza representam situações inóspitas nos diferentes âmbitos, os quais parecem representar fatores impeditivos para as práticas.

No aspecto financeiro pode-se citar os incômodos do deslocamento aos pontos de turismo mais apreciados, às vezes feito por estradas inadequadas ou transportes alternativos; o preço dos materiais e equipamentos necessários para tais vivências, atingindo altos valores; a infra-estrutura deficitária de alguns espaços; a dificuldade de hospedagem, pela ineficiência da base da rede hoteleira de alguns locais e o despreparo dos profissionais que atuam neste campo são alguns dos inúmeros fatores intervenientes para que estas vivências aconteçam com sucesso ou insucesso, merecendo cada vez mais a atenção de pesquisadores e responsáveis políticos, no sentido de aprimorar estes elementos.

De acordo com INÁCIO (1997), os esportes de aventura, assim como as demais modalidades esportivas, foram surgindo seguindo a lógica de produção e consumo de mercadorias, necessitando de algum investimento em equipamentos para a perfeita realização, geralmente superior ao poder aquisitivo da maioria da população.

No aspecto corporal, algumas atividades requerem determinado tipo de esforço, ao qual muitos praticantes, especialmente aqueles que estão experimentando pela

primeira vez estas atividades, não estão preparados, podendo colocar sua saúde em perigo iminente.

Em relação a este último aspecto, COSTA e TUBINO (1999) enfocam que a conquista de certos elementos (chegada ao cume da montanha ou uma descida de *rapel* em uma cachoeira) depende da correta apreensão das informações do ambiente, mas tais informações nem sempre são precisas e de fácil compreensão. Assim, a aventura fica carregada de incertezas, às quais mesclam-se medo, tensão e risco, características dos resultados imprevisíveis da aventura.

No aspecto relativo ao conteúdo emocional das vivências, a tolerância às frustrações, a paciência, os níveis de relacionamento interpessoais, a confiança em si próprio e no outro e a auto-superação de limites, a pressão frente aos riscos e a competitividade, entre outros, são fatores que colocam em cheque todo o equilíbrio emocional do indivíduo durante estas experiências.

Ampliando um pouco mais a discussão, vários, dentre os novos possíveis adeptos das AFAN, acreditam na concretização do sonho de aventura; no entanto, não raras vezes, parte do interesse nas atividades é apenas aparente e ilusório. Alguns, antes mesmo de iniciar a prática, compram todos os apetrechos necessários, procuram estar sempre informados, entretanto, na hora da prática da atividade propriamente dita, acabam desistindo. Conforme explicita MARINHO (1999a), talvez esses indivíduos se iludam de tal forma com as propagandas sobre estas práticas que chegam a acreditar na possibilidade de serem praticantes sem grandes empecilhos. No entanto, por medo, falta de tempo, comodismo, entre outros fatores, desistem antes mesmo de começar.

O medo é um fator bastante curioso, tendo em vista que, ao mesmo tempo em que pode representar motivo catalisador para sua própria auto-superação, pode, também, ser um dos grandes fatores de desistência em relação às vivências de aventura, pois pelo fato do indivíduo senti-lo intensamente antes e/ou durante a prática, acaba por preferir fazer outras coisas mais seguras e, assim, a falta de tempo e o comodismo se fazem bem visíveis como barreiras às ações aventureiras propriamente ditas.

Alem disso, interessante comentar o fato da possibilidade das pessoas estarem tão amarradas aos afazeres cotidianos que, quando incorporam à rotina novas experiências um pouco mais ousadas em se tratando de aventuras e perigo, as mesmas podem sentir doses extras referentes ao medo manifestado claramente quando ocorre a prática. Também é possível ocorrer esta sensação de medo expressa apenas num primeiro momento, mas depois, ele próprio pode transformar-se em gerador de sensações de prazer referentes à prática, induzindo os adeptos a quererem cada vez mais experimentar tais sensações, especialmente se foi vivenciado o sucesso ao desafio proposto.

Ao trazer para o contexto das AFAN, todas as questões acima expostas mostram que há, indubitavelmente, inúmeros fatores capazes de dificultar a aderência e a manutenção à prática de tais vivências, mas o que se percebe é que, mesmo com a possível existência de empecilhos (preços, distância, medo, entre outros) que dificultam a inserção de alguns indivíduos a estas práticas, há uma forte demanda aumentando consideravelmente nos últimos tempos, inferindo que outros fatores, como as características destas atividades, podem representar, ainda, elementos relevantes e capazes de determinar a aderência às mesmas.

3.5 – Caracterização geral das AFAN

Alguns estudiosos do tema, entre os quais POCIELLO (1995), BETRÁN (1995) e ACUÑA (1996), demonstram opiniões convergentes no que se refere à década de setenta como marco do surgimento e propagação de uma nova realidade lúdica no universo das práticas corporais, cujo enfoque é a vivência de aventura na natureza.

Para BETRÁN (1995), estas novas atividades emergem como um conjunto de práticas recreativas, consolidando-se na década atual ao sabor dos novos hábitos, gostos e valores da sociedade contemporânea.

Ampliando um pouco mais este assunto, CAMACHO (1999) elucida que, desde a revolução industrial, a redução do tempo de trabalho propiciou um incremento considerável na prática física, a partir da metade do século passado. No caso específico das atividades físicas de aventura na natureza, as mesmas surgiram nas últimas décadas, especialmente com a conquista de maior tempo disponível, decorrente destes direitos assegurados socialmente pela reorganização social do trabalho, ampliando, com isto, a possibilidade de maior imersão em atividades de livre escolha e mais significativas no âmbito do lazer, para algumas camadas da população conscientizadas dessa importância.

À guisa de complementação, a questão do tempo livre disponibilizado por esta nova organização social do trabalho, não implica, necessariamente, em que todos os indivíduos tenham oportunidades igualitárias de usufruto deste tempo, com vivências no âmbito do lazer, uma vez que este tempo livre pode estar também associado ao aumento da

taxa de desemprego mundial, decorrente das situações sociais, políticas e econômicas com as quais muitos países se confrontam.

Além do desemprego, a crescente taxa de aposentados, advinda do aumento significativo da sobrevida, representa outro fator determinante do aumento do tempo livre, nem sempre aceito e aproveitado de maneira qualitativa, sob a forma de vivências no contexto do lazer, com características associadas a tal elemento.

As idéias de SCHWARTZ (2002) mostram que o meio social derivado da contracultura, marcada no final dos anos 60, pode ter representado o início da busca pela volta à simplicidade e pelo reencontro com a natureza, possibilitando um novo dimensionamento para a aventura, no caso o surgimento das atividades físicas de aventura na natureza, as quais, efetivamente, não são práticas novas, uma vez que o homem, já há séculos se relaciona com o ambiente natural, no entanto, tais experiências vivenciadas de maneira sistematizada no âmbito do lazer, são recentes.

Conforme relata POCIELLO (1987), apesar de já datar de 1492 a primeira escalada ao monte Aiguille, nos Alpes, os esportes californianos, por ele assim denominados, difundem-se a partir da década de 70, aumentando a “onda” de adeptos na participação em atividades que envolvem constantemente o risco, a vertigem e a aventura.

Ao longo da década de 1980 e até nossos dias, tais atividades foram se desenvolvendo, conforme níveis de organização e controle acerca dos perigos inerentes à prática, tendo como respaldo significativo o avanço tecnológico, voltado para os equipamentos esportivos específicos, os diversos recursos empregados e os meios de comunicação.

E, assim, as atividades de aventura crescem a uma velocidade espantosa na atualidade, tornando-se uma experiência emergente como foco de atenção de pesquisadores e desenvolvendo-se em três planos: água, ar e terra, conforme evidencia BETRÁN (2003). Alguns exemplos de atividades praticadas no ar são: vôo livre, balonismo, paraquedismo, *bungee jump*, entre outras. Na terra são exemplos de atividades o *trekking*, *rapel*, *skate*, *snowboard*, *mountain bike*, escalada, etc. Na água pode-se citar o *surfe*, o *rafting*, o mergulho livre, o *bóia-cross*, *duck*, entre outras modalidades.

BETRÁN (1995, p.6) dá sua contribuição no sentido de designar tais práticas como:

[...] individualizadas que se fundamentam, geralmente, em condutas motrizes como o deslizar-se sobre superfícies naturais, onde o equilíbrio para evitar a queda e a velocidade de deslocamento aproveitando as energias livres na natureza constituem os diversos níveis de risco controlado no qual se baseia a aventura.

Em um trabalho mais recente, BETRÁN (2003), ao enfatizar denominações, conceituações e classificações, relata que para se conseguir uma classificação correta e segura das AFAN necessita-se seguir um critério que englobe cinco divisões: meio físico, características psicomotrizas, as práticas em si, o impacto sobre o meio ambiente e a implicação socioprática. Assim, por meio destes critérios, consegue-se minimizar possíveis problemas de classificação, como também, pode-se perceber o quanto de positivo essas atividades são capazes de proporcionar aos indivíduos que as praticam.

Estas atividades caracterizam-se como práticas alternativas, manifestadas, principalmente, no tempo destinado às vivências no âmbito do lazer, as quais requisitam o

meio natural para seu desenvolvimento, dando início a um novo processo da percepção de novos estilos de vida e da qualidade existencial humana, numa busca incessante pela vivência de novas sensações e emoções.

CAMACHO (1999) expõe que as atividades de aventura na natureza proporcionam possibilidades de vivenciar novas emoções e sensações, numa tentativa de amenizar as tensões das rotinas recorrentes da vida social.

Nesse mesmo sentido e utilizando o mesmo tipo de argumento, LACRUZ e PERICH (2000) explicitam que a vida cotidiana é muito estressante e capaz de produzir tensões que afetam a personalidade do indivíduo. Tensões estas que refletem tanto nos estados emocionais, como na musculatura e no funcionamento orgânico. A prática de atividades de aventura na natureza provoca em seus adeptos uma liberação de todas as tensões acarretadas na vida diária, proporcionando novas possibilidades de vivências emocionais prazerosas e significativas.

Neste momento, entram em cena as reflexões relacionadas à emoção como forte componente inerente às AFAN, como demonstrado em SCHWARTZ (2002), a qual salienta que o desejo de vivenciar novas sensações e emoções faz o homem recorrer a espaços estranhos ao seu cotidiano urbano, como o meio ambiente natural, numa tentativa de experimentar novas emoções tão ou mais intensas do que aquelas vivenciadas cotidianamente.

As estruturas emocionais, segundo STOKER e HEGEMAN (2002), são partes integrantes e imprescindíveis da vida cotidiana, no sentido de que, quando tais

estruturas desempenham com eficiência seu papel, acabam por auxiliar o gosto expresso por nossa vida, enfim, uma real vontade em viver com emoção e significativamente.

A esse respeito, BRUHNS (2003) acredita que as práticas contemporâneas exercidas através de viagens para grutas, montanhas, cachoeiras, etc., podem ser traduzidas por uma busca de sensações e emoções, evidenciando novas sensibilidades relacionadas ao corpo.

Torna-se importante mencionar que, para os envolvidos nas AFAN, o conceito de lazer especificamente relacionado com seus parâmetros de prazer, espontaneidade e livre opção não se converte em obrigação, como se a ida à natureza fosse tomada apenas com o intuito de praticar atividade para solucionar a problemática da necessidade de relaxar as tensões diárias ou outro motivo funcional a elas relacionado. Cabe ressaltar que nestas vivências a oportunidade de simples contemplação ou de fruição torna-se igualmente importantes como fatores que podem catalisar a aderência.

Além disso, é necessário que não sobressaia uma relação humana com a natureza pautada apenas pelo consumo e lucro. É vital que o prazer em vivenciar tais atividades seja fator intrínseco e, que se objetive interações de ética, de afetividade e de sensibilidade nas práticas de aventura, as quais são diferenciadas em relação às modalidades tradicionais, muitas vezes taxadas por não provocarem essa suposta “ruptura” temporária com o cotidiano.

3.6 - Diferenciação das modalidades físicas tradicionais e as AFAN

Denota-se um crescente interesse da população em vivenciar novas experiências significativas e prazerosas, sendo que as AFAN podem representar uma possibilidade de atingir este objetivo, uma vez que a prática física tradicional, dentro do seu cotidiano, talvez, já não corresponda às expectativas de determinadas populações.

A demanda por essas novas práticas realizadas na natureza está mais centrada na busca por emoções e sensações em detrimento da procura por uma performance e um treinamento ascético, estes últimos, requisitos para os esportes competitivos ou de rendimento, como para o denominado *body building*, onde o músculo representa um rótulo de vigor e saúde ou de força moral, como demonstra COURTINE (1995).

No contexto das AFAN, as mesmas possuem características inovadoras e diferenciadas dos esportes tradicionais, conforme ressalta MARINHO (1999a), pois as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para a sua realização são outros. Além disso, há também a presença de diversos equipamentos tecnológicos inovadores, permitindo uma fluidez constante entre o praticante e o espaço da prática – terra, água e ar.

Estas atividades nascem como uma forma de reação ao que o meio urbano fez com o esporte, inserindo neste a competição e a rivalidade, entre outros elementos. A busca por estas atividades centra seu foco em experimentar emoções diferentes, prazerosas, conquistar a plenitude pessoal, como também, valorizar os aspectos recreativos e lúdicos e cooperativos junto à natureza (BENTO, 1991).

O estilo adotado atualmente por inúmeros adeptos da prática de atividades físicas evidencia uma diferenciação nítida entre os esportes e modalidades ditas tradicionais e as outras atividades em contato direto com o meio natural, de acordo com BETRÁN (1995), uma vez que na natureza há riscos e perigos quase sempre calculados, além da própria motivação, objetivos, equipamentos e condições de prática serem outros, requerendo a adoção de condutas apropriadas para tais finalidades.

Complementando seu argumento, o autor ainda evidencia que as atividades praticadas em contato com a natureza possuem, como uma de suas características principais o conteúdo lúdico e, por isso diferem das outras atividades físicas e dos outros esportes.

FEIXA (1995) também expõe esta diferenciação evidenciando que os diversos tipos de esportes de aventura aparecerem como elementos cenográficos e as ações apresentam-se subordinadas às percepções e riscos, sejam eles imaginários ou reais. Esse autor complementa enfatizando que há um campo semântico nestas atividades, onde se mesclam três visões de vida e mundo: a visão física externa (florestas, água), a visão emotiva interna (risco, liberdade) e a visão química resultante (adrenalina, hormônios).

Para PARLEBAS (1987), o fato de lidar com o imprevisto, mesmo com toda a segurança proporcionada por uma técnica apurada, por materiais altamente controlados, é o que diferencia estas atividades físicas daquelas praticadas em meio urbano, pois estas últimas não proporcionam surpresas e reforçam mesmices.

Estas vivências de aventura na natureza são explicitadas como uma grande novidade, como algo novo e bastante diverso das atividades físicas ditas tradicionais, as quais são taxadas por reforçar mesmices, tendo em vista que, para sua prática, estas últimas

requerem desde o treinamento, repetições constantes e praticamente sem alterações de forma, volume ou intensidade, o que difere das AFAN, no sentido de que, ainda que o local possa ser o mesmo, as exigências podem variar e as experiências podem ser únicas e peculiares.

Porém, à guisa de curiosidade, pode advir uma inquietação gerada a partir da idéia de que, de tanto apontar focos de interesses constantes em tais atividades, estas também poderão acabar por se tornar tão habituais a ponto de reforçar iguais mesmices.

Pode parecer óbvia esta relação, no entanto, talvez, as características particulares de tais vivências (risco, vertigem, aventura e, até mesmo, as características ambientais e climáticas) possam assegurar-lhes a condução ao patamar de não rotineiras, não caindo facilmente no hábito e sendo uma novidade aventureira experimentada em momentos de êxtase junto ao meio natural, em cada vivência.

Torna-se importante mencionar, ainda, o fato de que as atividades físicas praticadas dentro das grandes cidades, em meio urbano, podem ser igualmente capazes de estimular e proporcionar às pessoas adeptas sensações de prazer e bem-estar, porém, com intensidade diferenciada, como apontado nos estudos de SABA (2001), o qual demonstra que a participação assídua em modalidades feitas dentro de academias de ginástica torna-se importante fator capaz de promover benefícios de ordem pessoal.

Alguns estudiosos como TERUYA (2000) apontam maior presença de estímulos e sensações de prazer nas AFAN, quando comparadas a outras atividades realizadas em instalações esportivas convencionais, num acréscimo de energia e ação proporcionadas pelo meio ambiente natural.

Ainda que o autor afirme que há maiores e intensas sensações atreladas às AFAN, há que se relativizar tal apontamento, uma vez que esta questão do prazer pode ser inerente a qualquer momento para alguém, desde que seja algo significativo para seu enredo psicológico. Seja para a população localizada dentro das grandes cidades ou, inclusive, para aqueles que vivenciam o contato com a natureza, onde parece haver um espaço efetivamente propício para que o bem-estar seja um aspecto recorrente.

A respeito dessa dicotomia cotidiano urbano e natureza, convém ressaltar que, tanto as atividades vivenciadas nos centros urbanos quanto aquelas em meio natural devem ser compreendidas cada uma com seu respectivo contexto, conforme elucida MAGNANI (1999), o qual ainda faz alusão aos diferentes sentidos que a experimentação de sensações e emoções nestes dois meios podem representar.

MASCARENHAS (2003, p. 79) salienta que as AFAN, devido ao seu ambiente de prática, diferem dos esportes em geral, pois estes se realizam em edificações fixas na paisagem, quer seja na área urbana ou não, fato este que não acontece com as práticas na natureza por apresentarem uma territorialidade provisória e tenderem:

[...] a promover uma grande expansão do “espaço esportivo”, liberta a prática esportiva dos lugares tradicionalmente a ela estabelecidos e essas novas práticas, tem como fator fundamental para a sua realização o desconhecimento do espaço onde vai se realizar a prática.

MARINHO (1999b) supõe a natureza como metáfora para os obstáculos e dificuldades ocorridas na vida urbana contemporânea, representando, assim, momento propício à superação de limites e desafios e contribuindo para concretização de ideais, por meio da utilização de barreiras naturais, seja nadando, pedalando, remando ou escalando.

A aventura se baseia em práticas fundamentadas em vertigem, velocidade e queda, ocasionando elementos delimitadores de sensações de instabilidade, prazer e desordens procuradas, uma espécie de busca paradoxal (BETRÁN, 1995).

Alguns outros elementos, segundo FEIXA (1995), são verdadeiramente detectados nessas práticas, como o desafio, a liberdade, o prazer e as sensações atreladas aos laços afetivos dos seres humanos com a natureza. O autor ainda complementa enfocando que a identidade diferenciada desses tipos de atividades de aventura provém de aspectos práticos ou materiais e, também, de sua dimensão imaginária ou simbólica, na qual a aventura aparece como uma cenografia e as ações são subordinadas às percepções e riscos – reais ou imaginários.

Além dos paradoxos relacionados ao sair e buscar aventuras longe do espaço urbano existem outros ligados à natureza e à naturalidade das AFAN. As pessoas envolvidas com tais atividades, apesar de buscarem aspectos ligados à simplicidade do contato com o meio natural, acabam por consumir uma estrutura que perpassa o ambiente de prática, a qual promove uma espécie de necessidade ao consumo como, por exemplo, de um determinado calçado ou marca que são associados ao possível *status* dos verdadeiros profissionais tecnicamente de nível mais elevado nas AFAN.

Fomenta-se, desta forma, estas discussões acima realizadas, apontando as diferenças entre as modalidades tradicionais e as AFAN e, talvez pelo fato destas últimas virem sofrendo crescente adesão, podem representar uma grande oportunidade de negócios relacionados ao consumo da natureza e de suas particularidades.

3.7 - Consumo mercadológico e as AFAN

A demanda centrada nessas atividades realizadas em meio natural fez surgir uma indústria de entretenimentos e um consumo de elementos naturais, trazendo à tona uma nova perspectiva de fins mercadológicos.

Há muito pouco tempo, Brotas não passava de uma pacata cidade do interior de São Paulo. Um dia, resolveu apostar na natureza, reuniu mais de dez atividades diferentes num mesmo lugar e juntou tudo isso com o conforto de boas pousadas e um delicioso tempero de fazenda. Resultado: se transformou num dos destinos de turismo ecológico mais procurados do país.

Esse trecho da reportagem realizada por CAPUANO (2000:25) ilustra parte de um discurso de promoção do turismo e, como tal, registra os elementos da natureza como sendo de extremo significado turístico, rotulando o ambiente natural como mercadoria, a qual pode ser vendida para os turistas, com fins de experimentação.

A mídia tem na publicidade, conforme evidenciam MARINHO (1999b) e TERUYA (2000), uma grande aliada para alcançar seus fins mercadológicos, onde, atualmente, são inúmeros os anúncios e reportagens a respeito dos esportes de aventura. Assim, crescem os elementos de persuasão e sedução referentes à aproximação com a natureza e novos adeptos são estimulados a aderirem a tais atividades.

A respeito dessa influência da mídia, a mesma serve como potente elemento formador de opiniões, sendo que as AFAN são, cada vez mais, amplamente difundidas pelos veículos de comunicação de massa e seus conteúdos são intimamente relacionados à possibilidade de bem-estar, prazer, prestígio, entre outras associações comumente feitas, a fim de conquistar mais adeptos.

O envolvimento cada vez maior nessas atividades não desperta somente o interesse de praticantes, mas também a atenção de empresários, os quais vêem nelas uma excelente oportunidade de negócios. MARINHO (1999a) salienta que, tanto os donos de loja de artigos esportivos quanto os donos de empresas de aventuras, descobrem um amplo campo de exploração: vendem roupas e calçados coloridos, equipamentos dos mais simples aos mais sofisticados, mapas, guias, livros, vendem até a emoção, o risco e a possibilidade da vivência do prazer, tudo em um “pacote” único de aventura.

As imagens atreladas às AFAN fortificam um amplo mercado consumista, baseando-se no constante envolvimento dos indivíduos em aderir ao status de sucesso e empreendedorismo, associados às vivências que estimulam a aventura e a adrenalina, aumentando, com isso, inclusive, as ofertas turísticas.

Segundo SERRANO (2000), o turismo de aventura desponta com características diferenciadas do turismo em si, tais como: planejamento, organização e venda de aventuras (trilhas, passeios de botes, em cavernas, cachoeiras, etc.) em detrimento do conforto e da segurança outrora desejados.

No entender de MARINHO (1999a), as atividades de aventura, hoje, representam também uma excelente oportunidade de negócio, uma vez que o envolvimento com tais práticas tornam-se crescentes e, assim, há um amplo campo de exploração pela indústria do lazer e pelo mercado fornecedor de roupas especiais, sapatilhas, botes, pacotes de aventura, guias, entre outros. Esse mero consumo de novos signos e imagens, atrelado à satisfação e ao corpo, representa a característica marcante da atual vida contemporânea e dos novos estilos existenciais, conforme evidencia HARVEY (1992), sendo tal fato

característica marcante em nossa contemporaneidade. Ele ainda complementa, apontando a produção de imagens como um dos aspectos impulsionadores da sociedade de consumo, gerando um amplo mercado consumidor, com base no fascínio das pessoas por atividades embutidas de aventura, prazer, risco e emoções.

A atuação midiática tem representado um fator bastante incisivo nesse consumismo de aventura sem precedentes, a qual faz uso desse modo revolucionário de comunicar informações e imagens, atingindo grandes distâncias em tempos efetivamente reduzidos, sendo veiculadas aos mais diferentes âmbitos da sociedade atual e reforçando cada vez mais a tendência ao consumo.

No caso específico das AFAN, as roupas, os calçados e os demais apetrechos para a participação nas atividades parecem, cada vez mais, solidificarem-se como parte integrante na vida das pessoas adeptas e mesmo de algumas outras que nem são praticantes, mas que se produzem com tais acessórios por causarem certo fascínio e admiração àqueles que o vêem.

CAMACHO (1999) expõe a cultura do consumismo como uma tendência da era contemporânea, onde existe uma excessiva preocupação com a estética, o culto ao corpo, a obsessão por imagens e o acúmulo de produtos e utensílios, em geral com a finalidade de situar-se numa escala social mais alta. Em relação a este status social, POCIELLO (1995) elucida que, às vezes, a satisfação de ser pelo menos visto praticando a atividade de aventura seja tão importante quanto a satisfação e o prazer pela própria prática em si.

De forma semelhante, devido às melhorias e sofisticações na tecnologia dos equipamentos, às vezes os praticantes carregam uma forte conotação, no que diz respeito ao fascínio que sua estética pode causar às pessoas que os vêem praticando as diversas formas de AFAN, porém ainda mais importante seria a mídia preocupar-se em disseminar a importância do domínio técnico destas atividades, bem como, a necessidade do conhecimento minucioso acerca do pleno manuseio dos equipamentos necessários e específicos.

Nesse sentido, ACUÑA (1996) aponta que a prática de atividades físicas na natureza vem acompanhada de uma grande ampliação de recursos tecnológicos, elucidando aspectos incisivos ao consumismo e mercantilista da era contemporânea.

Os adeptos das AFAN parecem descobrir, a cada dia, por meio de inovações tecnológicas, novas possibilidades para vivenciar suas aventuras. Desta forma, os efeitos das tecnologias se estendem às instâncias do lazer e do consumo na atual existência humana.

Essas idéias vêm ao encontro dos apontamentos feitos por BETRÁN e BETRÁN (1995), ao evidenciarem que o culto ao consumo, ao tempo livre e ao prazer se constituem, de fato, em características definidoras do quadro social contemporâneo.

O mergulho, a vertigem, a velocidade, os desequilíbrios e as quedas são características presentes nessas práticas, possíveis a quaisquer pessoas, pois o desenvolvimento e aprimoramento tecnológicos proporcionam a qualquer um o deslizar-se no ar, na água e na superfície terrestre, concretizando, como aponta BETRÁN (1995), alguns sonhos de aventura.

Devido ao fato da tecnologia apresentar-se como elemento facilitador referente à prática de AFAN, mediando com níveis exatos de segurança o corpo humano e a atividade a ser realizada, torna-se instigante investir reflexões em futuros estudos sobre seu significado e importância na caracterização do lazer na atualidade.

Desta forma, é inegável a necessidade de se reconhecer a importância desse desenvolvimento tecnológico, no sentido de facilitar ainda mais a maximização de efeitos positivos incutidos na interação homem-natureza, sem perder de vista que tal interação deve se pautar numa ética ambiental e de conscientização a respeito da valorização e preservação deste mesmo meio ambiente natural, do qual tanto dependem os adeptos das diversas práticas de AFAN, sob pena de que este espaço se restrinja em seu usufruto.

3.8 - Ética e respeito ao meio ambiente natural

Acerca dessa ética e conscientização, um outro elemento importante e que permeia estas atividades é a necessidade de revitalização da forma consciente de prática, evidenciando-se, inclusive os pontos positivos e negativos, quando na relação com o ambiente.

COSTA (1997) salienta em seu estudo que, apesar de haver um discurso “ecológico” que legitime a presença de esportes em montanhas, rios, grutas, utilizando-se um jargão de “integração com a natureza”, o mesmo demonstra um caráter não muito otimista na realização de atividades no meio natural, pois estas aumentam os riscos de ofensas ecológicas e o consumo sem precedentes.

SCHWARTZ e SILVA (1999) explicitam a inquietação sobre a conduta humana interferindo diretamente no equilíbrio, ou mesmo, desequilíbrio da natureza, uma vez que o estilo de vida, experiências significativas, fatores socioeconômicos que norteiam a participação humana no ambiente, entre outros, representam aspectos decisivos face à educação ambiental.

Em relação ao turismo e suas características particulares, pode-se pensar que o mesmo tem forças e subsídios para se apropriar de um determinado lugar. Algumas pessoas, depois de algumas incursões a determinados locais, sentem o desejo de se apropriarem de outros locais ainda inexplorados, impulsionando a indústria turística à exploração cada vez maior de espaços inusitados de visitação, sem se preocupar, por exemplo, com o desmatamento que se faz necessário para se construir um hotel *resort*, o qual possivelmente será bastante rentável em termos de lucros aos proprietários.

Em detrimento a este tipo de visão exploratória explicitada acima, veio à tona dentro do turismo a questão referente ao turismo sustentável, o qual tem seu discurso realizado da seguinte forma pela EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo):

[...] um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas (BRASIL, 1994:19).

Desta maneira, parece que a visão que se pode ter acerca do turismo sustentável está pautada pela noção de ecoturismo, tendo apoio nos princípios do uso sustentável dos recursos naturais, do benefício e integração das comunidades locais e, sobretudo, da preservação das diversidades natural e cultural.

Na área de Ecologia, esta é uma preocupação que também aflorou, no que tange à questão da educação ambiental e atitudes preservacionistas, como demonstrado por CARLOS (1991) e GATTARI (1997), os quais focalizam a temática da relação homem-natureza, abordando a necessidade de aprimoramento das condições de valorização ambiental.

Embora as atividades realizadas ao ar livre tenham se tornado um grande mercado para os esportes radicais e para a indústria do turismo, é necessário que se possa declinar atenções especiais em relação à conservação do ambiente, interligando estas três áreas (Ecologia, Turismo e Motricidade) no sentido de minimizar os impactos negativos resultantes do constante acesso público e maximizar as tendências de preservação nessa interação homem-natureza.

A esse respeito, MARINHO (1999b) comenta sobre um referencial meio atônito, onde a natureza deixa de ser ameaçadora para ser ameaçada pelo homem, relação esta que, às vezes, parece não estar em sintonia, necessitando de uma reflexão sobre as interações que se têm estabelecido com o meio natural.

Da mesma forma, SANTOS (1992, p. 101) também chama a atenção sobre este aspecto, evidenciando que: “[...] se antes a natureza podia criar o medo, hoje é o medo que cria uma natureza mediática e falsa...sempre houve épocas de medo. Mas esta é uma época de medo permanente e generalizado [...]”.

Pra quebrar esse ciclo de “um engolindo o outro” é que parece estar começando a se perceber a necessidade de tornar a natureza uma verdadeira parceira e não apenas cenário de prática, um pano de fundo para estas vivências.

Mesmo com preocupações e certa dose de medo, a realidade é que a natureza vem se tornando parceira indispensável e, assim, talvez surja uma vontade nos adeptos dessas vivências de fomentar a criação da conscientização acerca da conservação ambiental para a prática dos esportes de aventura, bem como de todo um processo educacional, onde a compreensão das relações presentes nos contextos envolvidos seja fator primordial.

A busca pelos elementos naturais durante o lazer, seja com o objetivo de aventurar-se pelas matas ou simplesmente contemplá-la, implica no conhecimento de uma ética ambiental, permeada por comportamentos de compreensão e respeito para com o meio natural. Somente assim a natureza deixaria de ser cenário para vir a ser parceira (MARINHO, 1999b).

Tomando por base essa educação ambiental, há uma ênfase no poder educativo das atividades realizadas no ambiente natural, onde pode-se aprender a valorizar, tanto a relação afetiva com a natureza, quanto o respeito por sua biodiversidade (PEREIRA; MONTEIRO, 1995).

Nesse sentido, torna-se importante salientar novamente a enorme responsabilidade dos seres humanos sobre as condutas intervenientes na interação com a natureza, no que tange à necessidade de manter um equilíbrio harmônico e saudável com o meio natural, em todos os aspectos onde esta relação se concretize.

O ambiente natural, segundo MARINHO (1999b), ao se tornar indispensável para a prática de atividades de aventura, implica na necessidade de uma conservação ambiental, bem como de um processo educativo, no qual se exercite o conhecimento como instrumento de compreensão das relações estabelecidas.

Em relação à atual circunstância, prossegue a autora, tais esportes vão surgindo como interface frente aos desafios colocados na conciliação entre desenvolvimento social, a organização da cidade e a proteção da natureza, acrescentando o enfoque relacionado às questões ecológicas, quando se trata das práticas esportivas na natureza.

Conforme WEARING e NEIL (2001), enquanto as formas mais convencionais de turismo modificam o meio ambiente, visando à satisfação de necessidades específicas de seus clientes, por outro lado os ecoturistas parecem não esperar nem desejar modificações substanciais no meio ambiente natural. Em vez de medir a qualidade de uma excursão, segundo padrões convencionais, tais como previsibilidade e uniformidade da experiência, o sucesso do ecoturismo parece basear-se no inesperado, visando a oferecer aos turistas a oportunidade de descobrir, participar e interagir ativamente com o meio ambiente, encorajando-os a fazer parte de sua própria experiência turística.

De acordo com BRUHNS (2001:94), uma ética muito estrita relacionada ao meio ambiente foi desenvolvida por adeptos das vivências naturais de aventura, dentre os quais tornou-se comum o slogan: “[...] da natureza nada se tira a não ser fotos, nada se leva senão lembranças, nada se deixa senão pegadas, nada se mata senão o tempo”.

Nesse sentido, WEARING e NEIL (2001, p. 120) esclarecem que:

[...] a degradação do ambiente natural reduzirá muito a demanda de visitantes a longo prazo, pois os atributos naturais procurados pelos ecoturistas se tornarão menos atrativos, menos autênticos e menos capazes de oferecer experiências satisfatórias de caráter ecológico.

De qualquer forma, é inegável a perspectiva educacional e de conscientização para a educação ambiental promovida por estas práticas, tornando-se um novo desafio para estudiosos em todas as áreas, inclusive no que concerne à motricidade humana e ao lazer, evidenciando-se a possibilidade de incorporação de estilos ativos, porém conscientes e compromissados.

A respeito da importância dessa incorporação de estilos ativos no âmbito do lazer, NAHAS (2001) salienta que a busca pelo contato com o meio ambiente natural e a realização de uma atividade física significativa pode trazer satisfação, prazer e benefícios de diversas ordens para os indivíduos.

De uma perspectiva conceitual e a despeito da multiplicidade de definições encontradas para a atividade de aventura, é passível de se criar um consenso na literatura pesquisada, em torno das perspectivas de seu caráter educativo, de compromissos com modificações comportamentais e atitudinais e da criação de uma consciência ambientalista.

Demonstra-se, assim, a necessidade de reflexões (e ações) que possibilitem a superação da atual problemática ambiental, a qual aumenta significativamente devido, entre outros fatores, à deterioração dos ecossistemas e do ambiente construído, afetando sobremaneira a qualidade de vida humana em seu sentido mais amplo.

INÁCIO (1997) e RIBEIRO (1998) apontam para a necessidade premente de um diálogo transdisciplinar, com o propósito de se fomentar a tão desejada educação ambiental, numa tentativa de valorização crescente do meio ambiente natural.

Mais que usufruir os elementos naturais, torna-se necessário que o ser humano tenha em mente que as atividades neles praticadas causam, por si só, determinados

impactos, sejam em pequena ou grande escalas. Mais que reconhecer a fragilidade da natureza, é preciso ser capaz de perceber-se enquanto parte dela, ou dela enquanto parte de nós.

Há um verdadeiro mergulho na natureza, onde todas as informações contidas no meio ambiente natural podem ser captadas ou sentidas por meio do uso dos sentidos, fazendo com que ao tocar a natureza o ser humano é por ela tocado, não existindo mais o limite entre ela e o corpo, conforme também argumenta SCHWARTZ (2001), quando utiliza a metáfora do corpo como espaço ecológico, salientando que somente do estreitamento efetivo da relação humana com a natureza, estimulando a incorporação dessa natureza como parte de si próprio é que se pode perspectivar a tão almejada consciência ambiental.

Com base em todas as discussões apontadas até o presente momento, torna-se bastante instigante aprofundar as reflexões, no sentido de aguçar as possibilidades de ampliação do conhecimento acerca dos elementos implementadores de adesão a estas práticas, temática central proposta para este estudo.

IV - MATERIAL E MÉTODO

Objetivo

O presente estudo teve por objetivo investigar, na visão de praticantes regulares, os principais elementos desencadeadores de aderência às atividades físicas de aventura na natureza, no âmbito do lazer.

4.1 - Natureza da pesquisa

O estudo teve uma abordagem de natureza qualitativa, por entender, assim como RICHARDSON (1989), que este tipo de método pode descrever, analisar, compreender e classificar qualquer tipo de processo vivenciado, procurando aprofundamento em relação ao entendimento de fenômenos e de suas mudanças, dentro do processo social.

Da mesma forma, GOLDENBERG (1998) discorre sobre as pesquisas qualitativas, as quais se tornam comumente usuais a uma variedade de recortes sociais, além da possibilidade de compreenderem, de maneira mais profunda, determinada população ou grupo pesquisado.

ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER (2001) expõem que o planejamento de estudos de natureza qualitativa não é tarefa fácil, pois ao contrário do que ocorre com pesquisas quantitativas, as investigações qualitativas, por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas e aplicáveis a uma ampla gama de casos, uma vez possuem diferentes graus de estruturação prévia.

O presente estudo foi realizado em duas etapas, sendo a primeira relativa a uma pesquisa bibliográfica, onde a revisão foi feita em diversas fontes, tais como livros, artigos em periódicos especializados e bases eletrônicas de dados, com a finalidade de compreensão de assuntos relacionados às práticas das AFAN e aos fatores relacionados à aderência a tais práticas.

A importância da revisão bibliográfica, segundo ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER (2001), deve ser atribuída à revisão crítica de teorias e pesquisas no processo de produção de novos conhecimentos, sendo um aspecto essencial na produção de novos conhecimentos capazes de influenciar e contribuir para o desenvolvimento teórico-metodológico na referida área de estudo.

Prosseguindo a reflexão sobre a importância da pesquisa bibliográfica, RUIZ (1996) comenta que qualquer espécie de pesquisa, em qualquer área de estudo, supõe e exige um levantamento bibliográfico prévio, a fim de contribuir substancialmente para a relevância da própria pesquisa em questão, no sentido de haver um exame e análise do que já se produziu sobre determinado assunto acadêmico-científico.

CERVO e BERVIAN (1978) comentam sobre o objetivo da pesquisa bibliográfica, a qual gira em torno de buscar conhecer as contribuições culturais e/ou

científicas do passado, recolhendo informações e conhecimentos prévios acerca de uma temática para a qual se procura uma resposta.

A segunda etapa correspondeu a uma pesquisa exploratória, por meio da qual pode-se penetrar diretamente no universo pesquisado, favorecendo o conhecimento da situação, conforme evidencia RICHARDSON (1989).

As pesquisas exploratórias proporcionam ao pesquisador averiguar, de maneira minuciosa, a construção prévia da temática abordada, evidenciando-se as possibilidades de avançar nas análises propostas (OLIVEIRA, 2001).

Nesse mesmo sentido, THIOLENT (1992) comenta que tal tipo de pesquisa pode adentrar o universo da população analisada, auxiliando o conhecimento da situação, na tentativa de averiguar os principais problemas para, em uma fase posterior, apresentar possíveis soluções.

4.2 - Instrumento

Para o desenvolvimento da segunda etapa do estudo, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada contendo seis perguntas abertas como instrumento para a coleta dos dados, a qual, por suas características, permite uma maior flexibilidade nas respostas, podendo o entrevistador repetir ou esclarecer perguntas, formulando-as de maneira diferente e proporcionando verbalmente, as informações relevantes e necessárias ao estudo (RAMPAZZO, 1998).

De maneira análoga, THIOLENT (1992) cita que a entrevista semi-estruturada pode ampliar os horizontes de respostas dos sujeitos, permitindo que estes

explorem um amplo universo de significações dos entrevistados, muitas vezes não esperado pelo pesquisador.

Corroborando com os autores expostos acima, as reflexões apontadas por FILHO e SANTOS (2001) são dirigidas aos benefícios da presença do entrevistador para dirimir dúvidas e esclarecimentos que eventualmente possam surgir no decorrer da entrevista, trazendo à tona dados novos e fidedignos para o pleno sucesso da pesquisa proposta.

4.3 - Procedimento

Inicialmente, foi elaborada uma entrevista piloto, a qual foi apresentada a três juízes, especialistas na área em questão, para proceder-se à validação do instrumento. FILHO e SANTOS (2001) evidenciam tal importância, no sentido de que, sempre que possível, os instrumentos devem ser testados e validados, para verificar se atendem ou não às expectativas da pesquisa.

De posse dos resultados desta análise, as principais questões evidenciadas por eles como as que melhor auxiliariam a se atingir o objetivo proposto no estudo foram selecionadas para fazerem parte, então, do instrumento definitivo, o qual foi aplicado pessoalmente pelo pesquisador aos sujeitos do estudo.

Primeiramente, o pesquisador se dirigiu ao local de vivência de alguma modalidade de atividade de aventura, convidando os sujeitos a participarem do estudo, explicando seu objetivo e, após a anuência dos mesmos procedeu-se à aplicação do instrumento proposto, no local da prática.

4.4 - Sujeitos

A amostra do estudo foi composta por 20 sujeitos, selecionados aleatoriamente entre indivíduos adultos, faixa-etária de 21 a 45 anos, ambos os sexos, nível de escolaridade diversificado e formação profissional variada, adeptos há mais de um ano das diversas manifestações de atividades físicas de aventura na natureza, na cidade de Brotas – SP.

4.5 - Coleta de Dados

A entrevista foi realizada pessoalmente pelo pesquisador, de forma individual com cada sujeito participante do estudo, logo após a vivência de algumas das modalidades de AFAN.

Segundo aponta RICHARDSON (1989), no contato direto pesquisador-sujeito há menores possibilidades dos entrevistados não responderem às questões, além disso, em tal contato, o pesquisador pode explicar e discutir os reais objetivos da entrevista proposta, havendo meios de responder as dúvidas oriundas da mesma.

É importante que nesse contato haja explicações iniciais sobre a seriedade e relevância do estudo, conforme evidencia RUIZ (1996), sobre a importância de sua colaboração e, principalmente, sobre a forma correta e precisa em responder as perguntas da entrevista.

4.6 - Análise dos Dados

Os dados resultantes da aplicação da entrevista foram analisados de forma descritiva, utilizando-se a Técnica de Análise de Conteúdo Temático. Este tipo de análise favorece o foco apenas nas questões mais relevantes para o estudo, representando, assim, uma ótima maneira para descrição, análise, compreensão e classificação de qualquer tipo de processo vivenciado, procurando retratar as questões qualitativas, conforme salienta RICHARDSON (1989).

Outro teórico estudioso da Análise de Conteúdo é BARDIN (1977), o qual caracteriza tal análise como um conjunto de técnicas que analisa as comunicações de maneira sistemática, revelando o conteúdo das mensagens emitidas e inferindo possíveis conhecimentos pertinentes a estas mensagens.

RICHARDSON (1989) caracteriza tal técnica de pesquisa como um conjunto de instrumentos metodológicos cada dia mais aperfeiçoados, possuidora de determinadas características como objetividade, sistematização e inferência, podendo ser utilizada em uma série de discursos comunicativos.

Para se realizar com sucesso este tipo de técnica é importante a realização de uma classificação, em etapa prévia, possibilitando a visualização dos dados estatisticamente, facilitando a comparação dos resultados, como também, a elaboração e o estabelecimento de categorias para tornar mais fácil a análise do material coletado, segundo relatam MARCONI E LAKATOS (1999).

De posse das informações fornecidas pelos autores, resume-se o método de análise utilizado neste estudo da seguinte forma: primeiramente, foi realizada a escolha da

Unidade de Análise, a qual para esta pesquisa decidiu-se pela análise temática. Logo em seguida, foram determinados os indicadores, os quais nortearam o agrupamento das respostas em categorias temáticas semelhantes, sendo estas: *motivos de aderência à prática de AFAN; dificuldades e barreiras percebidas para a prática regular de AFAN e a significação das práticas das AFAN em nível pessoal.*

V - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em relação ao perfil do público-alvo participante da pesquisa, averiguou-se que a faixa-etária variava entre 21 e 45 anos, sendo cinco sujeitos de 21 a 25 anos, com um percentual de 25% da amostra; onze sujeitos de 26 a 35 anos, com percentual de 55% e quatro sujeitos de 36 a 45 anos, com um percentual de 20%.

Quanto ao gênero, a amostra foi constituída por 13 homens, com percentual de 65% e por 7 mulheres, num percentual de 35%.

Quanto ao nível de escolaridade, 45% dos entrevistados possuíam formação em nível superior completo, ao passo que, para 25% este ainda estava em andamento. Os indivíduos que possuíam apenas o segundo grau representavam 20% e outros 10% do total nunca haviam estudado.

Em relação às atividades mais praticadas, percebeu-se que alguns sujeitos participavam em mais de uma modalidade. O *rafting* foi citado por 26,67% como a atividade mais recorrente, seguido pelo *rapel* com 20%. O *moutain bike* (16,67%) foi a terceira atividade mais praticada; 13,33% apontaram o bóia-cross; 10% preferem se aventurar no *trekking* por trilhas e matas; 6,67% optam pelo *canyoning*; ao passo que o

mesmo percentual foi encontrado por aqueles que gostam do arvorismo (3,33%) e das corridas de aventura (3,33%).

Torna-se válido comentar o fato da pesquisa ter sido realizada na cidade de Brotas/SP e, por isso, algumas atividades se encontram mais expressivas, devido à possibilidade de prática nesta rica região, em locais favoráveis para a vivência destas atividades, como por exemplo, os rios e corredeiras para a prática do *rafting* e do *bóia-cross*.

Neste sentido, CAPUANO (2000) explicita que, na cidade de Brotas, o *rafting* nas correntezas do rio Jacaré-Pepira é a atividade mais procurada pelos indivíduos que gostam de praticar atividades físicas que envolvem muita aventura e emoção, especialmente quando as águas do rio estão mais altas. Os números são de encher os olhos daqueles que vendem a aventura: em feriados concorridos, mais de 1500 pessoas chegam a descer as corredeiras.

Quanto ao tempo de prática, o mesmo oscilou entre 1 a 10 anos, sendo que 40% dos entrevistados praticam tais atividades entre 1 e 2 anos; 25% praticam entre 3 e 5 anos; 20% praticam entre 6 e 7 anos e 15% já aventuram-se nas AFAN há muito tempo, entre 8 a 10 anos de prática.

A análise dos depoimentos teve como base as questões apresentadas no Apêndice. Para facilitar a compreensão, as questões foram agrupadas em 3 indicadores, de acordo com os temas, conforme já explicitado nos procedimentos para a análise dos dados, correspondendo a: *motivos de aderência à prática de AFAN; dificuldades percebidas para*

a prática regular de AFAN e, a significação das práticas de AFAN em nível pessoal, apresentados e analisados individualmente a seguir.

5.1 - Motivos de aderência à prática de AFAN

As questões de número 1 e 3, reunidas neste primeiro indicador, objetivaram esclarecer quais motivos são apontados pelos indivíduos participantes da pesquisa no que se refere à aderência às AFAN e de que forma aconteceu o contato com essas atividades.

Questão 1 - O que facilita a você praticar as AFAN?

<u>Respostas</u>	<u>Nº respostas</u>
Desejo de fuga momentânea do cotidiano urbano, numa tentativa de adquirir melhoria na qualidade de vida.	07
Gosto por sensações de risco e perigo, desafio pessoal em vencer limites impostos pelo meio ambiente natural.	04
Possibilidade em experimentar novos desejos e emoções, diferentes daqueles propiciados pela prática física dentro das cidades.	03
Vontade em praticar uma atividade que, na maioria das vezes, só os homens participam.	03
Curiosidade em vivenciar uma prática nova e que está tão em moda nos dias atuais.	02
Expectativa em melhorar a questão estética.	01

No que concerne aos aspectos que facilitam a aderência às AFAN, identificou-se que a maioria dos entrevistados (7) preocupa-se com a questão relativa aos níveis qualitativos de vida e, por isso, numa tentativa de maximizar estes níveis, aderem a

tais atividades em contato direto com a natureza, deslocando-se aos centros de prática e, ao menos temporariamente, fugindo do cotidiano urbano.

Os estudos de LACRUZ e PERICH (2000) apontam várias causas desencadeantes da aderência às AFAN, sendo uma das mais expressivas a vontade dos indivíduos em romper com a vida diária que levam nos centros urbanos e, aproximar-se da natureza com o intuito de usufruir sobremaneira de suas características e particularidades, a fim de abrir novas chances em conquistar uma vida mais tranqüila e prazerosa.

Em relação à existência de inúmeros problemas nas grandes cidades, SCHELP (2003) retrata que os mesmos são capazes de contribuir para uma agitação e stress rotineiros. Assim, muitas pessoas têm procurado o meio ambiente natural visando uma fuga das mesmices, com possibilidade de busca por novas e significativas experiências.

Isto pode ser evidenciado na fala de dois dos entrevistados:

S7: Tenho uma vontade grande em esquecer aquela loucura de vida que levo na cidade e, indo praticar esportes radicais na natureza, pretendo melhorar minha vida pelo menos temporariamente.

S13: Já não suporto fazer meus exercícios com todos aqueles carros e barulho a minha volta, por isso adoro a natureza pra praticar meus esportes e relaxar do meu trabalho.

Ampliando a discussão, SCHWARTZ (2002) enfatiza que os indivíduos, nos momentos disponíveis para as vivências de lazer, procuram envolver-se em atividades que possam distanciá-los da mesmice e que propiciem o rompimento com a rotina. Nesse sentido, recorrem a espaços estranhos ao cotidiano urbano, reencontrando-se com a

natureza com o intuito de enfrentar riscos, vivenciar novas emoções e aventuras, tão ou mais intensas do que aquelas experimentadas cotidianamente.

Esta questão relativa à rotina já foi discutida anteriormente e cabe salientar que o próprio cotidiano das cidades é capaz de gerar estes aspectos positivos referentes aos níveis de qualidade de vida, os quais são importantes desencadeantes da aderência às AFAN para a maioria dos entrevistados. Muitas pessoas podem aliviar seus níveis de stress e descansar de um dia árduo de trabalho, por exemplo, indo caminhar num lago dentro da cidade ou praticando exercícios em uma academia, sendo perfeitamente aceitável que possa haver pessoas que se sentem bem dentro do agito das grandes cidades. No caso específico desta pesquisa, a população alvo sente que o cotidiano não é capaz de possibilitar a melhoria da vida como um todo e a prática de atividades físicas de aventura na natureza e suas características particulares tornam-se elementos importantes neste sentido.

Dentre as várias características das AFAN anteriormente já discutidas, uma delas diz respeito ao risco iminente, fator este capaz de influenciar 4 dos entrevistados a aderirem a tais práticas, almejando vencer limites pessoais em situações de extremo perigo.

O risco calculado, segundo COSTA e TUBINO (1999), explode no fascínio pela vertigem, uma espécie de enfrentamento simbólico da morte, a qual dá força e um valor pessoal ao gosto reforçado por viver nas alturas, em velocidade e em queda livre, enfim, situações que promovem constantemente sensações intensas e significativas.

Os depoimentos de dois determinados sujeitos retratam bem tal discussão:

S11: ...e também adoro aquela sensação de medo que o rapel me dá, gosto muito de sentir que o perigo está sempre ao meu lado durante o desafio de realizar a atividade.

S6: Ao descer pela primeira vez a cachoeira, tive um frio na barriga, mas com o passar do tempo a sensação é cada vez mais maravilhosa. É adrenalina pura, o risco está ali sempre...

A esse respeito, a vontade em superar desafios, como destaca SIMMEL (1988), é dotada de uma força impulsionadora interior, um sentido que vislumbra o aventureiro a reforçar o gosto pronunciado pelo perigo constante.

O risco é inerente ao homem, em qualquer setor da vida humana e não é diferente em relação à prática esportiva, mesmo que de forma lúdica, onde há o cálculo minucioso do perigo. Em se tratando de AFAN, a fascinação pela vertigem extrema em atividades de alto risco parece ser um chamariz para indivíduos que gostam de viver perigosamente, em situações que provocam verdadeiros desafios ao ser humano.

Um fato curioso e que chama a atenção diz respeito ao último fator de aderência, isto é, a preocupação relacionada à questão estética, capaz de influenciar apenas 1 dos participantes da pesquisa.

Alguns autores, entre eles SABA (2001) e TAHARA, SCHWARTZ e SILVA (2003), demonstram exatamente o contrário dos dados deste estudo, evidenciando a excessiva atenção para a estética corporal como uma necessidade premente do homem contemporâneo, o qual procura por atividades físicas realizadas em recintos fechados para esta finalidade.

Nos estudos de SABA (2001), evidenciou-se a questão relativa à estética como um dos principais objetivos dos indivíduos ao procurarem, por exemplo, atividades físicas em academias de ginástica.

Corroborando com o autor acima citado, TAHARA, SCHWARTZ e SILVA (2003) salientam que a preocupação com a estética corporal impulsiona determinadas pessoas a aderirem e manterem-se fisicamente ativas em exercícios físicos realizados em academias.

Embora haja este grande interesse pela valorização estética em academias de ginástica, o mesmo não foi expressivo no presente estudo, uma vez que os adeptos regulares de AFAN parecem preocupar-se com outras aspirações e necessidades, retirando da natureza muito mais do que a chance de obter um estereótipo corporal mais bonito, como muitos têm o anseio em conquistar dentro de academias de ginástica. Aqui se atesta a vontade em usufruir, de maneira especial, o meio ambiente natural, dando valor aos aspectos psicológicos, como sensações de bem-estar e prazer.

Questão 3 - Como você teve contato com as AFAN?

Respostas	Nº respostas
Por meio da mídia, seja revistas, canais esportivos, <i>sites</i> , etc., que trazem à tona inúmeras reportagens sobre tais práticas.	09
Por meio de familiares e amigos, os quais já praticavam e influenciaram este primeiro contato.	08
Por meio das agências de viagens, as quais induzem o indivíduo à prática por meio de uma complexa sistematização e infra-estrutura eficiente.	03

Houve um certo equilíbrio no que tange ao primeiro contato com as AFAN, onde os produtos veiculados pela atuação midiática foram responsáveis por influenciar 9 participantes, bem como as influências de amigos e familiares capazes de incidir sobre 8 pessoas.

De acordo com BETRÁN (2003), estão sendo realizados inúmeras reportagens e informativos sobre as AFAN nos diferentes meios de comunicação, visando informar e difundir atividades radicais e impactantes, muitas vezes desconhecidas do grande público.

Alguns autores, como MARINHO (1999b) e GARCIA (2000), salientam a extrema importância que a mídia tem em influenciar consideravelmente no que tange ao contato com as AFAN, destacando a produção de muitas imagens sedutoras, capazes de impulsionar os indivíduos à prática.

A fala de dois entrevistados podem retratar bem esta atuação da mídia:

S15: Sinceramente, há pouco tempo atrás não conhecia quase nada dos esportes radicais, mas comecei a assistir programas na TV que mostram diversas atividades radicais e aí pude começar a entender melhor sobre elas.

S18: Um dia, fui à banca e vi uma revista destas de aventura. Fiquei curioso e resolvi comprar, a partir daí me apaixonei pelos esportes radicais e por esse contato maravilhoso com a natureza.

Atualmente, há várias fontes que retratam com veemência as diversas modalidades de AFAN, seja em revistas especializadas, programas radicais na TV e até em sites da Internet. Indubitavelmente, a mídia possui um elevado poder persuasivo, no que se

refere à divulgação de valores, idéias e atitudes, possibilitando um acesso rápido, tanto às diversas informações sobre aventura como aos principais centros de prática.

De maneira quase idêntica quanto à relevância desta atuação dos meios de comunicação social está a influência de amigos e familiares, no que tange ao primeiro contato com as práticas de AFAN. Segundo relatos dos praticantes, a experiência destes amigos e familiares que já haviam praticado determinada AFAN foi substancial para que houvesse este interesse inicial em também praticá-las.

Isto fica evidente no depoimento de dois sujeitos:

S1: ...de tanto meus amigos me convidarem para viajar com eles aos finais de semana, decidi ir depois de tanta insistência. Eu não tinha experiência alguma, nem sabia pra que servia cada um daqueles materiais, mas hoje agradeço a eles por terem me mostrado como é bom vir pra natureza e praticar esportes.

S10: Meus amigos iam quase sempre pras cachoeiras e trilhas, um dia fui por curiosidade e hoje sou o primeiro que topa uma nova viagem à natureza pra realizar minhas aventuras radicais.

Os estudos de WANKEL (1993) comprovam o acima citado, no sentido dado à importância do grupo social como coadjuvante precioso no processo de adesão e subsequente manutenção da prática de determinada atividade física.

De maneira semelhante, DIEGO e SAGREDO (2004) esclarecem que a vontade em sentir-se membro do grupo está intimamente ligado ao reconhecimento e aceitação social do indivíduo e que tal fato está diretamente relacionado aos anseios em aderir à prática de atividades esportivas. Esta possível harmonia na interação pode

possibilitar um significado especial para a pessoa, com a oportunidade de sentir-se parte importante do referido grupo em que está envolvida.

Embora encontrado com menor expressividade (3 sujeitos), mas de certa forma também importante, está a influência das agências de viagens relacionadas ao contato inicial dos indivíduos com as práticas de aventura em integração com o meio natural.

É bastante perceptível a visualização do crescimento, em nível nacional, do número de agências especializadas em oferecer um misto de aventura e natureza. Conforme elucida MASCARENHAS (2003), a busca por essas atividades na natureza vem crescendo de uma forma rápida e pode ser justificada analisando-se a quantidade de agências promotoras desses tipos de eventos.

Só para se ter uma idéia deste crescimento de agências especializadas em aventuras radicais, pode-se citar a cidade de Brotas, com cerca de 18 mil habitantes. Segundo CAPUANO (2000), esta pequena cidade já contempla seis grandes agências de ecoturismo, possuindo equipamentos importados e sofisticados, além de um atendimento de qualidade, com boas lanchonetes e guias turísticos capacitados.

Estas características positivas das agências e as influências das mesmas em incentivar a adesão às AFAN podem ser evidenciadas na fala de dois participantes da pesquisa:

S9: ...a agência me proporcionou um bom conhecimento técnico da atividade e, apesar de sentir um medo inicial ao ver aquelas correntezas, tive o primeiro contato com o rafting de uma forma bastante segura e tranqüila, tendo vontade de fazer mais um monte de vezes...

S3: Já tinha visto os esportes radicais na natureza uma ou duas vezes na TV, mas meu contato direto com estas atividades foi por causa de uma boa agência aqui em Brotas que um amigo tinha dito a respeito...

Desta forma, fica bastante nítida a importância dessas agências promotoras de aventura em favorecer o contato inicial de determinadas pessoas com as AFAN, de uma maneira segura e com muita infra-estrutura aos clientes, motivos estes que contribuem para a existência de uma credibilidade ainda maior de tais agências.

5.2 - Dificuldades percebidas para a prática regular de AFAN

As questões de número 5 e 6, agrupadas neste segundo indicador, procuraram identificar o quanto as AFAN estão associadas ao tempo destinado ao lazer dos indivíduos e quais os principais limites impeditivos à regularidade na prática.

Questão 5 - Quanto tempo destinado ao seu lazer você investe na prática das AFAN?

Por quê?

Respostas	Nº respostas
Em um final de semana por mês, pois há fatores que impedem uma regularidade ainda maior (distância, preço)	10
Praticamente em todos os finais de semana, devido ao fato de residir em cidades próximas aos centros de prática.	4
Em todos os finais de semana e algumas vezes até em meados da mesma, pelo fato de morar na cidade propícia à prática.	4
Ocasionalmente, apenas em feriados ou férias, uma vez não haver tempo disponível em finais de semana comuns.	2

É notória a importância do tempo destinado ao lazer, no sentido de poder vivenciar oportunidades que oferecem sensações de prazer e liberdade aos indivíduos. SCHWARTZ (2002) enfatiza que o lazer, por possuir características promotoras de liberdade, espontaneidade e autonomia nas escolhas, pode representar momentos importantes no papel da potencialização da qualidade do existir.

Entre estes inúmeros momentos dedicados ao lazer estão aqueles em que se vivenciam a prática de atividades físicas, no caso deste estudo, as práticas em contato direto com o meio natural.

A grande maioria dos entrevistados (10) destina apenas um final de semana por mês para praticar as AFAN, devido a inúmeros fatores capazes de dificultar uma assiduidade ainda mais intensa, tais como a distância aos centros de prática, bem como os gastos para se realizar as atividades.

Sobre as possibilidades que impedem os sujeitos de vivenciar com maior frequência as AFAN nos momentos de lazer GARCIA (2000) explicita em sua pesquisa que o difícil acesso aos locais de prática, bem como o alto custo dos equipamentos são mesmos grandes fatores que dificultam a prática regular das diversas modalidades em contato com a natureza.

A fala de um indivíduo participante vai ao encontro desta discussão:

S19: ...adoraria poder ir sempre, mas gasta-se muito dinheiro tanto com a viagem como para pagar à agência, por exemplo, por uma descida de rafting. E olha que tem ainda minha esposa e meu filho...

Os fatores impeditivos relacionados à distância e à questão financeira parecem mesmo complicar, de certo modo, quem gosta de ter assiduidade no contato com a natureza. Isto fica bem claro, ao se perceber que os entrevistados que residem na própria cidade de prática ou em cidades muito próximas mantêm uma efetividade bem regular, em quase todos os finais de semana. Por conta desta minimização do deslocamento, decaem também os gastos com as despesas relacionadas à plena realização de AFAN, assim, é passível vivenciá-las nos momentos destinados ao lazer com uma regularidade bem maior.

Pode-se entender isto de maneira mais clara, na fala de um entrevistado residente na cidade de realização da pesquisa:

S8: ...posso ter essas atividades constantemente como meu lazer, pois pelo fato de morar aqui em Brotas conheço todo o pessoal da agência...e eles quase nem cobram de mim. E nem preciso viajar como todos os turistas, já estou aqui bem perto das cachoeiras e das trilhas.

Os feriados e as férias prolongadas são os únicos momentos destinados à prática de AFAN para a minoria (2 entrevistados), os quais citam o tempo disponível como aspecto relevante para a não regularidade maior.

Os estudos de LUBA (2002) reforçam a discussão, desenvolvendo a idéia de que o homem contemporâneo está realmente atarefado com o trabalho, sendo esta a principal causa da não ida à natureza praticar regularmente, por exemplo, a escalada em montanhas e rochas.

Pode-se confirmar isto no depoimento de dois sujeitos:

S12: ...trabalho muito na empresa durante a semana e, às vezes, também aos sábados e domingos. Por isso, só tenho tempo para curtir de uma melhor forma somente nos feriados e férias, quando aí vale à pena, pois sei que vou ficar pelo menos alguns dias por lá.

S20: É difícil sair e viajar num final de semana normal, pois tenho muitas reuniões e outras coisas do escritório. Se eu tivesse mais tempo com certeza ia muito mais vezes fazer meu rapel...

Apesar de não haver a possibilidade de afirmar com veemência, estima-se, com base nos resultados do estudo, que a disponibilidade de tempo do homem nos grandes centros urbanos se dê em função da supervalorização do trabalho, corroborando, assim, com as suposições levantadas por DUMAZEDIER (1974).

Questão 6 - Quais as principais barreiras ou obstáculos que podem dificultar/limitar a prática regular das AFAN?

Respostas	Nº respostas
Distância da cidade onde reside aos centros de prática.	9
Alto custo para a efetiva prática (equipamentos, viagens).	7
Não há maiores empecilhos para a regularidade na prática.	6
Tempo disponível minimizado	5
Preconceitos contra a participação das mulheres em AFAN.	2

Antes de adentrar a esta discussão, convém ressaltar que nesta questão alguns sujeitos participantes opinaram mais de uma vez, alterando, assim, o total do número de respostas.

É concebível a idéia de entender que a distância aos centros de prática pode ser mesmo um grande empecilho àqueles que gostam de vivenciar a prática física em contato direto com a natureza, como já discutido anteriormente e, no caso desta questão, 9 participantes citam a mesma como fator impeditivo à regularidade maior.

Isto pode ser comprovado pelos depoimentos de dois sujeitos:

S4: ...são quase trezentos quilômetros de distância até aqui, além disso vou gastar muito com hospedagem e alimentação. Mas faço as economias sempre que possível e percorro todo este caminho pela vontade e paixão em vivenciar minhas aventuras na natureza.

S2: Com certeza, se eu morasse mais perto de Brotas ou de qualquer outro local que tenha esportes radicais minha prática seria bem mais regular, eu iria sempre que pudesse, pois a distância não seria uma dificuldade como hoje é.

Dando prosseguimento à discussão, LUBA (2002) aponta em seus estudos que, muitas vezes, os indivíduos gostam de praticar escaladas em rochas direto na natureza, embora em determinadas situações optem pela escalada artificial *indoor*. Alguns sujeitos de sua pesquisa ressaltam o fato de não haver encostas rochosas nas proximidades da cidade de São Paulo, assim, se quiserem um local favorável à plena realização têm que enfrentar uma grande distância até o Rio de Janeiro, por exemplo, onde há condições mais propícias à prática de escalada em contato direto com o meio natural.

Infelizmente, o preconceito relacionado à participação das mulheres nas AFAN ainda parece existir. É o que 2 dos sujeitos responderam, podendo ser evidenciado na fala de uma entrevistada:

S16: ...e alguns homens olham com certo desprezo para mim, tipo, esta mulher não vai conseguir nunca ter coragem para enfrentar este desafio. Engana-se ele, é aí que vou ter mais vontade para conseguir superar e mostrar que sou igualmente capaz.

No entender de BETRÁN (2003), as AFAN são plenamente passíveis de serem praticadas por ambos os sexos, entretanto, parte da população masculina ainda mantém a visão de que, para a plena execução dessas atividades, certas capacidades físicas de maior recorrência nos homens são imprescindíveis.

Esta visão masculina vai de encontro ao que pensa ORLANDI (2003), a qual evidencia que as características femininas podem fazer diferença no decorrer de uma dada modalidade de AFAN, no sentido de as mulheres praticantes de atividades de aventura possuírem um maior controle dos aspectos psicológicos e emocionais, como também, poderem suportar com mais facilidade os estados alterados de ânimo, como tensões e *stress* decorrentes da prática.

A esse respeito, a fala de uma mulher participante esclarece a discussão:

S2:...e alguns homens acham que essas atividades são apenas força e músculos. Pra mim eles estão enganados, é necessário que sua mente esteja bem preparada pra enfrentar e vencer todos os desafios...

Torna-se válido comentar que, no estudo desenvolvido por SILVA, R. (2004), a pesquisadora não encontrou como resultado tal preconceito contra a participação feminina nas AFAN, onde as mulheres afirmam que está havendo maior conscientização, crescimento do apoio e incentivo por parte da camada masculina.

O que há de se tornar consenso é que a prática de AFAN não é exclusiva em relação ao gênero, podendo ser realizada tanto por homens como por mulheres. É necessário que o preconceito seja minimizado e, até mesmo, extinto, uma vez que, para aderir a tais práticas basta ter vontade e coragem para enfrentar os desafios impostos pelo meio ambiente natural, independente do gênero.

5.3 - A significação das práticas de AFAN em nível pessoal

As questões de número 2 e 4, reunidas no terceiro indicador da pesquisa, visaram esclarecer qual o significado de participação nas AFAN, além de possíveis mudanças ocorridas desde a prática inicial. Convém ressaltar que em ambas alguns entrevistados deram mais de uma resposta.

Questão 2 - O que significa para você participar das AFAN?

Respostas	Nº respostas
Momento propício à concreta revisão de valores e atitudes para com si próprio e os demais ao redor.	7
Possibilidade de viver com mais tranquilidade e alegria, tendo um prazer e bem-estar inerentes.	5
Ter a chance de poder experimentar a cada prática novas sensações e emoções diversas.	4
Estar vivenciando o melhor momento destinado ao lazer em um contato harmônico e direto com o meio ambiente natural.	4
Chance de estar num grupo integrado e unido, além de poder conhecer novas pessoas num ambiente especial como a natureza.	2

No que tangencia o real significado de participação nas AFAN, para a maioria dos sujeitos participantes da pesquisa (7), este envolvimento significa conseguir vivenciar momentos propícios à concreta revisão de valores e atitudes.

Nesse sentido, BRUHNS (1997) acredita que a relação do ser humano com o meio natural não deve ser pautada por critérios de produção e consumo, mas pela descoberta de um novo modelo cultural, em que surge um vínculo ético e afetivo, propício a reflexões das atitudes e dos valores inerentes ao ser.

Pode-se confirmar o dito acima, em decorrência da fala de dois sujeitos:

S15: Quando estou realizando a atividade, parece que estou em transe, penso em cada coisa que venho fazendo em minha vida. Fico 100% bem comigo próprio, pois sinto uma felicidade interior em entender meus erros cometidos no dia-a-dia...

S13: É um momento indescritível quando você está lá, dependurado num penhasco ou cachoeira. É um momento único, pois posso repensar minha vida inteira, lembrar de coisas boas do passado,...

Ampliando a discussão, SCHWARTZ (2002) enfatiza a relação homem-natureza tendo como ponto de interseção, a possibilidade de promoção de mudanças axiológicas e de valores, proporcionados pelas experiências físicas de lazer junto ao meio ambiente natural.

A relação homem-natureza, segundo TERUYA (2000), dando enfoque à participação nas AFAN, pode gerar um contato do homem contemporâneo de maneira mais consciente e significativa com a natureza, abrindo-se possibilidades que tangenciam aquisições de novas atitudes e hábitos.

A oportunidade de estar em grupo e conhecer novas pessoas são o que a minoria de participantes da pesquisa (2) explicita como verdadeiro significado em participar das AFAN.

VILLAYERDE (2003) evidencia que a experiência do coletivo pode ser plenamente vivenciada nas AFAN, em uma espécie de aventura compartilhada, capaz de gerar um estreitamento dos laços interpessoais entre aqueles indivíduos que buscam se unir para chegar a um fim comum: superar e vencer os obstáculos desafiadores do meio natural.

Ainda que este aspecto do relacionamento social não tenha sido o mais evidenciado nas respostas dos sujeitos deste estudo, este elemento não deixa de ser relevante e, a respeito desse vínculo em grupo, a fala de um sujeito retrata bem a discussão:

S1: ...com todo o grupo unido, fico mais confiante em vencer os desafios, por maiores que eles sejam. Além disso, às vezes conheço novas pessoas que gostam de aventura e, numa próxima ocasião quem sabe também não podem fazer parte de meu grupo...

Mesmo que alguns autores salientem a questão das AFAN como práticas individualizadas, como BETRÁN (2003), outros estudiosos, como VILLAYERDE (2003) e GARCIA (2000), declinam atenção à possibilidade de troca e união do grupo, na expectativa de ação conjunta para vencerem as dificuldades inerentes à prática dessas atividades.

Em se tratando das AFAN, conforme elucidam LACRUZ e PERICH (2000), não é difícil perceber o valor da interação social como fato real, onde há a formação de

determinados grupos imbuídos na busca por aventura, nos quais manifestam-se características de sociabilidade e coletividade.

Exemplificando tal discussão, as práticas de AFAN envolvem pelo menos duas pessoas, como no caso da escalada ou *rapel*, no sentido de aumentar os níveis de segurança e diminuir os riscos de acidentes. Com isso, é natural que haja um contato intenso e um favorecimento no processo de integração, no sentido do desenvolvimento da solidariedade e do espírito de cooperação entre os indivíduos participantes.

Questão 4 - Você sente diferença em algum aspecto, desde que começou a praticar as AFAN? Explique.

Respostas	Nº respostas
Sim, houve um aumento na satisfação pessoal e bem-estar em decorrência da prática física em contato direto com a natureza.	7
Sim, aspectos como maior liberdade, coragem em superar desafios e elevação da auto-estima vieram à tona com maior recorrência.	5
Sim, espírito de equipe, cooperação e respeito pelo próximo e pelo meio natural tornaram-se agora mais incidentes na vida de cada um.	4
Sim, aumento nos níveis de força muscular e melhoria do condicionamento físico.	4
Não, as possíveis mudanças foram praticamente imperceptíveis.	3
Sim, aspectos relacionados à estética corporal, tais como emagrecimento e definição muscular.	2

A prática de AFAN foi responsável por melhoria nos níveis de bem-estar e satisfação pessoal para a maioria dos entrevistados (7), desde quando iniciaram o contato com a natureza, com o objetivo de praticar atividades físicas de aventura.

BRUHNS (2003) expõe que essas práticas de aventura podem ser responsáveis por proporcionar um efeito purificador (catártico), conduzindo as pessoas ao bem-estar e à alegria, por sua constituição no ambiente natural, onde há o intenso contato com a fauna, a flora, com alturas e outros aspectos peculiares, elementos estes capazes de provocar tal efeito catártico, o qual produz prazer e sensações de leveza aos corpos aventureiros.

Estes aspectos positivos relacionados à satisfação pessoal e ao bem-estar nas AFAN podem ser mais bem retratados nos seguintes depoimentos:

S17: ...e quando tenho algum problema, penso naquele momento delicioso de descer as trilhas e avistar aquela linda cachoeira, daí fico tranquilo e bem o suficiente pra enfrentar todos meus problemas.

S5: Sempre que vou praticar os esportes radicais sinto um bem-estar tão grande, às vezes faltam dois dias pra viagem e já percebo os benefícios desse meu contato com a natureza...

Dando prosseguimento à discussão, FUNOLLET (1989) salienta que as AFAN podem ser traduzidas por sensações capazes de promover bem-estar e prazer aos adeptos de aventura, onde o contato direto com a natureza torna-se importante elemento catalisador neste sentido.

Novamente, entra em debate a temática referente à questão estética, a qual foi percebida pela minoria dos sujeitos (2) como principal mudança acarretada desde o início da prática regular de AFAN.

Convém ressaltar o fato de que esta valorização corpórea tornou-se motivo de aderência para uma pequena parcela de entrevistados, como já discutido anteriormente e, mesmo não constando como preocupação básica, as mudanças físicas decorrentes da regularidade em praticar atividades em contato com a natureza puderam ser notadas, como ilustra a fala de um entrevistado:

S14: Apesar de nunca ter sido uma preocupação minha, pude perceber que a prática regular me proporcionou pernas mais fortes e torneadas, e também consegui emagrecer um pouquinho com a quantidade enorme de trilhas que faço todos os finais de semana.

Acerca do atual debate, CAPUANO (2000) elucida que são vários os benefícios oriundos da realização de atividades de aventura em contato com a natureza, entre os quais pode-se citar a melhoria relacionada à estética corporal, em virtude dos inúmeros e cansativos esforços físicos empreendidos para vencer os desafios propostos.

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito deste trabalho girou em torno de discorrer sobre os fatores intervenientes na questão da aderência às atividades físicas de aventura realizadas em contato direto com a natureza, numa tentativa de auxiliar nas reflexões já encaminhadas na área em questão.

Tornou-se nítido que um dos importantes elementos do lazer que vem crescendo ultimamente, em termos de interesses popular e acadêmico, são as atividades físicas, inerentes ao conteúdo cultural físico-esportivo do lazer. Entre a gama de opções de atividades físicas existentes, as AFAN têm merecido destaque nas reflexões pertinentes à área, tendo em vista a possibilidade de um novo redimensionamento da relação homem-natureza.

Este estudo centrou atenção na representação dessa temática, focalizando aspectos envolvidos no processo de adesão às diversas manifestações de AFAN. Com base nos três indicadores propostos para a análise: *motivos de aderência à prática de AFAN; dificuldades e barreiras percebidas para a prática regular de AFAN e, a significação das práticas das AFAN em nível pessoal*, pode-se atentar para um melhor entendimento dos

motivos relacionados à aderência às AFAN e das particularidades oriundas dessa interação do ser humano com o meio ambiente natural.

Em relação ao primeiro indicador temático, os motivos apontados pelos indivíduos participantes da pesquisa, no que se refere à aderência às AFAN, incidiram, especialmente, sobre o desejo de fugir, ao menos temporariamente, do cotidiano urbano, numa tentativa de adquirir melhoria nos níveis qualitativos de existência humana.

Aliado a esta preocupação de fuga urbana e maximização da qualidade de vida, outros entrevistados relataram motivos de aderência referentes ao gosto expresso por sensações de risco e perigo, uma vontade em desafiar a si próprio, na tentativa de vencer os limites e dificuldades impostas pela natureza.

Ainda em relação a este primeiro indicador, o contato inicial com as AFAN deu-se, em sua maioria, por meio da influência dos veículos midiáticos, quer seja revistas, canais esportivos ou *sites*, etc., que trazem à tona inúmeras reportagens sobre tais práticas.

A respeito da influência da mídia, o estudo salientou o que os pesquisadores evidenciam sobre o vigor da mesma, como potente elemento formador de opiniões. As AFAN são, cada vez mais, amplamente difundidas pelos veículos de comunicação de massa e seus conteúdos relacionados, intimamente, à possibilidade de busca incessante pelo bem-estar, prazer, prestígio, entre outras associações comumente feitas. Talvez, esta atuação da mídia seja um fenômeno intrínseco a uma cultura de consumo, que cresce cada vez mais nas sociedades contemporâneas.

Em relação às maiores dificuldades que porventura possam existir no que se refere à assiduidade da prática de AFAN, pode-se perceber, analisando o segundo

indicador, que a distância da cidade onde residem até os centros de prática revela-se como principal barreira aos entrevistados para se manterem mais regulares na referida prática.

Para vivenciarem as AFAN, os indivíduos participantes deste estudo destinam somente um final de semana por mês em seu tempo disponível para o lazer, apontando como principais empecilhos a distância aos locais de prática, bem como, os excessivos gastos decorrentes da realização das atividades.

Ao se cogitar sobre o papel fundamental e pleno do lazer como um dos elementos determinantes dos níveis de qualidade de vida e, mais particularmente nas AFAN como atividades capazes de proporcionar prazer, satisfação e bem-estar, entende-se que é pouco destinar-se apenas um final de semana por mês para vivenciá-las, embora seja plenamente passível concordar que a situação econômica dos tempos atuais não seja muito condizente com freqüentes viagens e outros gastos. Além disso, não foi objeto de interesse deste estudo verificar de que maneira os sujeitos preenchem os momentos destinados ao lazer, mas, apenas, visualizar o quanto destes momentos é destinado à prática das AFAN e quais as dificuldades para se manter a regularidade e a constância destas vivências.

Tomando por base o terceiro indicador da pesquisa, o qual versou sobre o significado de participação nas diversas manifestações de AFAN, pode-se atentar para o fato de que o envolvimento com tais práticas representam o momento propício para a subjetividade, no sentido de favorecer a completa revisão de valores e atitudes de determinados sujeitos para consigo próprio e para com o mundo.

Ainda referente a este indicador, as possíveis ressonâncias positivas advindas da prática das AFAN giram em torno da maximização das sensações de bem-estar e

satisfação pessoal, em decorrência do misto “atividade física de aventura e contato direto com a natureza”.

A realização de alguma atividade física de aventura em íntimo contato com o meio natural, com ressonâncias positivas nesta relação homem-natureza pode, então, proporcionar às pessoas adeptas maior condição para melhorar seus níveis de vida, no sentido de experimentar sensações prazerosas e relevantes para seu enredo psicológico. Além disso, as AFAN oferecem a possibilidade de vivenciar sentimentos de prazer e alegria, em função de suas características que promovem, inclusive, a ampliação do senso de limite da liberdade e da própria vida.

Torna-se importante mencionar que a crescente demanda às AFAN pode, por um lado, propiciar algo positivo para as pessoas adeptas, porém este aumento no número de praticantes pode acarretar conseqüências desagradáveis ao meio ambiente natural, no sentido de uma exploração cada vez mais intensa. Entretanto, se houver um resgate do papel da consciência ecológica e preservação ambiental, além dos estímulos dados pelos profissionais atuantes na área às pessoas praticantes destas atividades em questão, é possível que se obtenha sucesso no intuito de fazer reverberar a premência de se estimular o compromisso com as idéias preservacionistas, fato este que aflige e atinge a humanidade como um todo.

Devido à atual popularização dessas práticas, tem-se evidenciado nos meios acadêmicos das áreas de conhecimento que tangenciam essa temática um interesse crescente em refletir sobre os impactos desse fenômeno, nas mais diversas esferas de estudo.

Em relação a tais atividades como experiência acadêmica, pode-se perceber que como disciplina essas atividades de aventura podem ser tidas como elementos capazes de possibilitar reflexões sobre a concepção de novas atitudes, despertando valores como cooperação e o espírito de solidariedade. Além disso, podem contribuir para a melhor formação do educador, conscientizando-o de sua participação efetiva na dinâmica social, fomentando o compromisso crítico e criativo com a profissão que se exerce.

Os estudos de MARINHO e SEABRA (2002) evidenciam que tal temática, apesar dos avanços nos últimos anos, constitui-se numa quase exceção nas universidades, merecendo investigações mais direcionadas e especialização correspondente com o objetivo de suprir uma grande demanda em emergência.

Nesse mesmo sentido, MARINHO, SCHWARTZ e LETÍZIO (2001) demonstram que as atividades de aventura na natureza vêm, embora timidamente, porém de forma cada vez mais recorrente, recebendo atenção de profissionais de diferentes áreas e sendo aos poucos inseridas no contexto acadêmico, seja por meio de cursos de extensão à comunidade e aos alunos, ou como disciplinas optativas, demonstrando a preocupação destes pesquisadores em implementar e dinamizar este assunto em nível de formação profissional nas áreas afins, almejando a disseminação urgente dos aspectos relacionados à gestão e sustentabilidade dos recursos naturais envolvidos.

Ficou, então, patente que há muitos fatores que levam à aderência à prática das AFAN e as informações obtidas com este trabalho podem apontar sugestões que permitam ampliar a compreensão do universo relativo à aderência a tais práticas, conduzindo os estudiosos do tema em questão a mais uma fonte de conhecimento deste

importante assunto da atualidade, que é a temática da aderência à prática de atividades físicas, no caso deste estudo, aquelas ligadas à aventura e ao contato direto com a natureza.

Além disso, pode-se perceber que as reflexões apontam para a necessidade de promoção de outras perspectivas no âmbito das pesquisas, com o propósito de catalisar novos olhares e dimensionar novos rumos, capazes de promover a compreensão mais densa do universo em foco, alertando e acelerando ações, capazes de favorecer o compromisso humano com a conscientização da finitude dos recursos naturais, sob pena de se findar também a própria espécie e catalisando uma verdadeira compreensão do ser-no-mundo, ou seja, considerando -o como uma extensão de nós mesmos.

VII - REFERÊNCIAS

ACUÑA, A. Los deportes de aventura en la naturaleza: una aproximación a la práctica ecológica. In: FERRANDO, M. G.; MARTÍNEZ, J. R. (Org.) Ocio y deporte en España: Ensayos sociológicos sobre el cambio. Valencia: Tirant lo Blanch, 1996, p. 299-308.

ALLSEN, P. E.; HARRISON, J. M.; VANCE, B. Fitness for life: An individualized approach, McGraw Hill, 1997.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

BARBANTI, V. J. Dicionário de educação física e do esporte. São Paulo: Manole, 1994. p. 5.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENTO, J. O. Novas motivações, modelos e concepções para a prática desportiva. In: OEIRAS. CÂMARA MUNICIPAL. O desporto no século XXI: os novos desafios. Portugal: Oeiras, p. 113-146, 1991.

BETRÁN, J. O. Las actividades físicas de aventura em la natureleza: análise sociocultural. Apunts. Educación Física y Deportes. Barcelona, n. 41, p. 5-8, 1995.

BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.) Turismo, Lazer e Natureza. São Paulo: Manole, 2003. p. 157-202.

BETRÁN, J. O.; BETRÁN, A. La crisis de la modernidad y el advenimiento de la postmodernidad: el deporte y las prácticas físicas alternativas en el tiempo de ocio activo. Apunts. Educación Física y Deportes. Barcelona, n. 41, p. 10-29, 1995.

BRASIL – MICT/MMA. Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo. Brasília: Embratur/Ibama, 1994.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 18, n. 2, p. 86-91, 1997.

BRUHNS, H. T. Esporte e natureza: o aprendizado da experimentação. In: SERRANO, C. (Org.) A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chromos, 2000. p. 25-46.

BRUHNS, H. T. Esporte e natureza: a experiência sensível. Motriz, Rio Claro, v.7, n.1, Supl., p. 93-8, 2001.

BRUHNS, H. T. No ritmo da natureza: explorando sensações e emoções. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.) Turismo, Lazer e Natureza. Barueri: Manole, 2003. p. 29-52.

CAMACHO, A. S. Las actividades físicas en la naturaleza en las sociedades occidentales de final de siglo. Lecturas: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, año 4, n.14, jun., 1999. Disponível em www.efdeportes.com (Acesso em: 25 maio 2004).

CAMARGO, L.O.L. O que é lazer. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAPUANO, C. A cidade da aventura. Revista Família Aventura, n. 17, Ed. Peixes, p. 24-45, abril/2000.

CARLOS, A. F. A. O meio ambiente urbano e o discurso ecológico. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE MEIO AMBIENTE, 3., 1991, Londrina. Anais... Londrina: UEL/NEMA, 1991. p. 756-766.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. Metodologia Científica. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.

COSTA, L. Meio ambiente e desporto: uma perspectiva internacional. Porto: Universidade do Porto, 1997.

COSTA, V. L. M.; TUBINO, M. J. G. A aventura e o risco na prática de esportes vinculados à natureza. Motus Corporis, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 96-112, 1999.

COURTINE, J. J. Os stakhanovistas do narcisismo. In: SANT'ANNA, D. B. Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

DIEGO, S.; SAGREDO, C. Jugar com ventaja: las claves psicológicas del éxito deportivo. Madrid: Alianza Deporte, 2004. p. 61-74, 79-83, 126-134, 163-8.

DISHMAN, R.K. Exercise adherence: its impact on public health. Champaign: Human Kinetics, 1998.

DUMAZEDIER, J. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DUMAZEDIER, J. Valores e conteúdos culturais do lazer. São Paulo: SESC, 1980.

FEIXA, C. La aventura imaginaria. Una visión antropológica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza. Apunts. Educación Física y Deportes, Barcelona, v. 41, p. 36-43, 1995.

FILHO, D. P.; SANTOS, J. A. Metodologia científica. 4. ed. São Paulo: Futura, 2001.

FUNOLLET, F. Las actividades en la naturaleza: orígenes e perspectivas de futuro. Apunts: Educación Física y Deportes, Barcelona, n. 18, , p. 4-10, 1989.

GAELZER, L. Lazer: benção ou maldição. Porto Alegre: Sulina, 1979.

GARCIA, M. A. Esporte e meio ambiente: discutindo a questão ecológica. 2000. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

GATTARI, F. As três ecologias. 6. ed. Campinas: Papirus, 1997.

GOODE, W. J. Métodos em pesquisa social. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1998.

HARVEY, D. Condição pós-moderna. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

INÁCIO, H. L. D. Educação física e ecologia: dois pontos de partida para o debate. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 18, n. 2, p. 133-36, 1997.

JORDAN, D. J. Effective leadership for girls and women in outdoors recreation. Journal of Physical Education ,Recreation and Dance. v. 2, n. 63, feb., p. 61-64, 1992.

LACRUZ, I. C.; PERICH, M. J. Lãs_emociones em la práctica de lãs actividades físicas em la naturaleza. Lecturas: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, año 5, n. 23, jul., 2000. Disponível em www.efdeportes.com (Acesso em: 11 maio 2004).

LIEDTKE, G. Outdoor recreation and the importance of nature and natural environment. In: INTERNACIONAL CONFERENCE ON LEISURE, TOURISM & SPORT –

EDUCATION, INTEGRATION, INNOVATION. 2004, Cologne. Proceedings... Cologne: German Sport University Cologne, 2004. p. 103.

LUBA, G. M. Escalada em parede artificial: cisão homem-natureza? 2002. 74f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

MAFFESOLI, M. No fundo das aparências. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAGNANI, J. G. C. Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles. In: MOREIRA, A. S. (Org.) Sociedade global: cultura e religião. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MARCELLINO, N. C. Lazer e educação. Campinas: Papirus, 1987.

MARCELLINO, N. C. O lazer, sua especificidade e seu caráter interdisciplinar. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 12, n. 1/3, p. 313-317, 1992.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1999.

MARINHO, A. Do bambi ao rambo ou vice-versa? – As relações humanas com a natureza. Revista Conexões, Campinas, n. 3, p. 33-41, 1999a.

MARINHO, A. Natureza, tecnologia e esportes: novos rumos. Revista Conexões: educação, esporte, lazer, Campinas, v. 1, n. 2, p. 60-69, 1999b.

MARINHO, A., SEABRA, L. F. Atividades de aventura e formação profissional. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 14., 2002, Santa Cruz do Sul. Anais... Santa Cruz do Sul: Universidade do Vale do Itajaí, 2002.

MARINHO, A.; SCHWARTZ, G. M.; LETÍZIO, J. B. Atividades de Aventura no contexto acadêmico. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA, 2.; SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 7., 2001, Rio Claro. Anais... Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, 2001. p. 221.

MASCARENHAS, G. A leviana territorialidade dos esportes de aventura: um desafio à gestão do ecoturismo. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.) Turismo, Lazer e Natureza. São Paulo: Manole, 2003. p. 75-99.

NAHAS, M. V. Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. 2. ed. Londrina: Midiograf, 2001. 238p.

NGUYEN, M. N.; POUPART, G.; NORMANDEAU, J.; LAPLANTE, L.; DAMESTOY, N. The habits and perceptions of participants in water and other outdoor activities in terms of risk behaviors. Can J Public Health, v. 93, n. 3, p. 208-212, 2002.

NUNOMURA, M. Motivos de adesão à atividade física em função das variáveis idade, sexo, grau de instrução e tempo de permanência. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, Londrina, v. 3, n. 3, p. 45-58, 1998.

OKUMA, S. S. Fatores de adesão e de desistência das pessoas aos programas de atividade física. In: SEMANA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 2., 1994, São Paulo. Anais... São Paulo: Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade São Judas Tadeu, 1994. p. 30-6.

OLIVEIRA, S. L. Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

ORLANDI, A. P. Aventura na lama: doces feras radicais. Disponível em: <http://marieclaire.globo.com/edic/ed112/rep_aventura.htm>. Acesso em: 05 set. 2004.

ORTIZ, M.; ISLER, G.; DARIDO, S.C. Atividade física e aderência: considerações preliminares. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 842-6, 1999.

PARLEBAS, P. Perspectivas para uma educación física moderna. Espanha: Unisport, 1987.

PEREIRA, J. M.; MONTEIRO, L.R. Atividades físicas de exploração da natureza: em defesa do seu valor educativo. Revista Horizonte, v. 69, p. 111-115, 1995.

POCIELLO, C. Sports et société: approches socio-culturelle des pratiques. Paris: Vigot, 1987.

POCIELLO, C. Os desafios da leveza – as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.). Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 115-120.

RAMPAZZO, L. Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo: UNISAL, 1998.

RIBEIRO, I. C. Ecologia de corpo & alma e transdisciplinariedade em educação ambiental. 1998. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.

- RUIZ, J. A. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- SABA, F. Aderência: à prática do exercício físico em academias. São Paulo: Manole, 2001.
- SANTOS, M. A redescoberta da natureza. Estudos Avançados, São Paulo, v. 6, n. 14, jan./abril, 1992.
- SCHELP, D. Prazer e perigo. Veja, ano 36, n. 28, ed. 1811, Ed. Abril, p. 70-8, jul./2003.
- SCHWARTZ, G. M. O corpo sensível como espaço ecológico. Motus Corporis, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 49-54, 2001.
- SCHWARTZ, G. M. Emoção, aventura e risco – a dinâmica metafórica dos novos estilos. In: BURGOS, M. S.; PINTO, L. M. S. M. (Org.) Lazer e estilo de vida. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. p. 139-168.
- SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. Licere, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003.
- SCHWARTZ, G. M.; SILVA, R. L. Lazer, turismo, ecologia: contribuições para uma nova atitude. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 11., 1999, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu: Unioeste, 1999. p. 418 – 422.
- SCHWARTZ, G. M.; SILVA, R. L.; ZANCHA, D.; FERREIRA, M. L. C. A Internet como espaço de lazer. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 21., 1998, São Paulo. Anais... São Paulo: Celafiscs, 1998, p.135.
- SEABRA, L. Monitoramento participativo do turismo desejável: uma proposta metodológica preliminar. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.) Turismo, Lazer e Natureza. São Paulo: Manole, 2003. p.101-129.
- SERRANO, C. A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chromos, 2000.
- SILVA, A. M. A dominação da natureza: o intento do ser humano. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 18, n. 2, jan., 1997.
- SILVA, R. L. As emoções das atividades físicas de aventura na natureza e a resignificação do papel feminino. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- SIMMEL, G. Sobre la aventura: ensayos filosóficos. Barcelona: Edicions 62, 1988.

STOCKER, M.; HEGEMAN, E. O valor das emoções. São Paulo: Palas Athena, 2002. p. 52-85, 189-208.

TAHARA, A. K.; SCHWARTZ, G. M. Atividades de aventura na natureza: investindo na qualidade de vida. Lecturas: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, año 8, n. 58, mar., 2003. Disponível em www.efdeportes.com (Acesso em: 19 mar. 2004)

TAHARA, A. K.; SCHWARTZ, G. M.; SILVA, K. A. Aderência e manutenção da prática de exercícios em academias. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília, v. 11, n. 4, out./dez., 2003.

TERUYA, R. M. O lazer nas atividades em integração com a natureza, 2000. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1992.

THOMPSON, J. B. A mídia e a modernidade. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 36-41; 183-196.

VILLAYERDE, S. Refletindo sobre lazer/turismo na natureza, ética e relações de amizade. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.) Turismo, Lazer e Natureza. São Paulo: Manole, 2003. p. 53-73.

WANKEL, L. The importance of enjoyment to adherence and psychological benefits from physical activity. Internacional Journal Sport Psychology. v. 24, p. 151-169, 1993.

WEARING, S.; NEIL, J. Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades. Barueri: Manole, 2001.

ABSTRACT

This research is aimed at investigating the main elements that motivate regular practitioners to adhere. into adventure physical activities in leisure ambit. This study had a qualitative nature and was developed by an exploratory research. A semi-structured interview was utilized as instrument for data collection, composed of 6 questions applied to a sample of 20 adepts of AFAN for more than one year, in Brotas/SP, with age variation between 21 and 45 years, of both sexes and different school levels. Data were descriptively analyzed through Content Analysis, establishing three indicators, grouping the answers in similar categories dealing with the adherence motive to practice it; difficulties in practicing AFAN and the personal meaning of these activities. Adherence motives concentrated in the need of escaping from urban everyday life, in order to improve personal life quality. Media influenced the first contact with AFAN. One weekend per month was dedicated to practicing AFAN during leisure time, depending on the distance of the centers of practices and the expenses related to these practices. These practices suggest a review of values and attitudes towardz yourself and others, evidencing high level of personal satisfaction and well being. Based on these results it was possible to recognize the potentialities of AFAN on enhancing qualitative levels of man-nature relationship.

KEYWORDS: Adherence, Adventure Physical Activities, Leisure

APÊNDICE

Entrevista Semi-Estruturada

A - Dados Pessoais

Idade:

Sexo:

Nível de escolaridade:

Atividade(s) mais praticada(s):

Tempo de prática:

B – Questões da Entrevista

- 1) O que facilita a você praticar as AFAN?
- 2) O que significa para você participar das AFAN?
- 3) Como você teve contato com as AFAN?
- 4) Você sente diferença em algum aspecto, desde que começou a praticar as AFAN? Explique.
- 5) Quanto tempo destinado ao seu lazer você investe na prática das AFAN? Por quê?
- 6) Quais as principais barreiras ou obstáculos que podem dificultar/limitar a prática regular das AFAN?